



Fala, Irmão José!
Sô Otimista
 Pág 02



Abrindo Janelas
Indo Além de Mim Mesmo
 Rossandro Klingey



Espaço Chico Xavier
Sentir Kardec
 Pág 03



O que Disse Kardec?
Espiritismo e Sua Missão na
Regeneração dos Povos
 Pág 04



Filosofia e Espiritismo
A Inveja
Ser ou não "Ser" Espírita
 Pág 05



Psicologia Espírita
por Joanna de Ângelis
Necessidade de Valorização
 Pág 08



O Livro dos Espíritos
Sob a Ótica Filosófica de Miramez
Deus e O Infinito
 Pág 10



Dicas de Leitura
O Livrinho dos Espíritos
 Pág 11



Para Reflexão
Comunhão Universal
 Pág 09



Instruindo-se com Revista Espírita
A Hipocrisia
 Pág 13



Você Sabe Quem foi?
Paracelso
 Pág 14



Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Condições Da Prece
 Pág 16



Ciência e Espiritismo
A Mente e O Corpo
 Pág 17



Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
Liberdade, "Karma", Causa e Efeito
perante as Leis de Deus
 Pág 19



Obras Básicas em Foco
O Céu e O Inferno comentado por
J. Herculano Pires
 Pág 21



Rótulos e Máscaras
 Pág 23



Uma Perigosa Obsessão
 Pág 24



O Inferno (?)
 Pág 26



Existência
 Pág 28



O Papel da Evangelização
Espírita na Formação do Ser
 Pág 29

Fora da Caixinha

O Que Acontece Por Aí

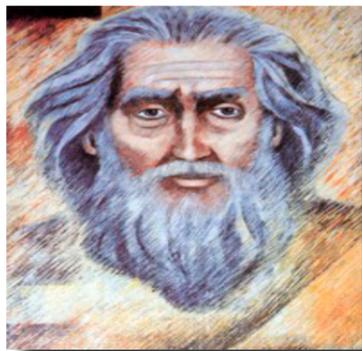
Museu das Favelas	Pág 31
Sala São Paulo	Pág 31
Para a Criançada - Museu Catavento	Pág 32
Palavra em Verso e Prosa - Conceição Evaristo: " Da Calma e do Silêncio "	Pág 32
As Emoções e a Saúde Mental	Pág 33

O Espiritismo será o traço de união que aproximará os homens divididos pelas crenças e pelos preconceitos mundanos. (Allan Kardec - Viagem Espírita - 1862)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br

Leia e ajude a divulgar o IDEM!



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

Sê Otimista

Foge a toda e qualquer influência do mal.

Não lhe concedas espaço em tua mente.

Sê otimista.

Pensa no bem, e o bem acontecerá.

Começa a fazer algo de positivo ainda agora.

Por mais diminuta, a ação benfazeja é uma onda que se propaga.

Não te rendas à apatia.

Outros não verterão por ti o suor que deves verter.

Ninguém se aprofunda tanto na depressão, que não lhe sobrem forças para reagir.

O movimento de tuas mãos pode realizar prodígios à tua volta e em teu interior.

Se não te dispuseres a caminhar para ti não haverá caminho.

Os que não saem do lugar sempre enxergam a paisagem do mesmo ângulo de visão.

Fonte: Livro Dias Melhores (Carlos Baccelli/ Irmão José)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explanações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrante: Rossandro Klinjey

Tema: Indo Além de Mim Mesmo

Assista na íntegra:

<https://www.youtube.com/watch?v=fUj36swfKFw>

O objetivo da evolução, a razão de ser da vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente creem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nós tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

Leon Dénis (Fonte: O problema do ser, do destino e da dor, primeira parte, Cap. IX,)



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

Sentir Kardec

Lembrando o Codificador da Doutrina Espírita, é imperioso estejamos alertas em nos-sos deveres fundamentais.

Convençamo-nos de que é necessário:

Sentir Kardec;

Estudar Kardec;

Anotar Kardec;

Meditar Kardec;

Analisar Kardec;

Comentar Kardec;

Interpretar Kardec;

Cultivar Kardec;

Ensinar Kardec e

Divulgar Kardec...

Que é preciso cristianizar a Humanidade é afirmação que não padece dúvida, entretan-to, cristianizar, na Doutrina Espírita, é raciocinar com a verdade e construir com o bem de todos, para que, em nome de Jesus, não venhamos a fazer sobre a Terra mais um sistema de fanatismo e de negação.

Fonte: Livro Fonte de Paz (Chico Xavier - Espíritos Diversos) | - Emmanuel
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro

Educação Espírita Infantojuvenil

Programação – Fevereiro /2024

Sábados 14h às 15h

Tema Central: Deus

Objetivo: Compreender que Deus é a causa primária de todas as coisas. Deus é!

03- Deus – Criador do Universo

10- Provas da Existência de Deus

17- Atributos da Divindade

24- A providência Divina



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro

Educação Espírita Infantojuvenil

Programação – Março /2024

Sábados 14h às 15h

Tema Central: Doutrina Espírita

Objetivo: Reconhecer os pressupostos espíritas como basilares para o estabelecimento de uma cultura que reconhece a imortalidade da alma.

02- 1ª Revelação - Moisés

09- 2ª Revelação - Jesus

16- 3ª Revelação – O Consolador Prometido

23- História do Espiritismo – Mesas girantes

30- Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita





Espiritismo e Sua Missão na Regeneração dos Povos

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, consequentemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse e não no de outrem. O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos e o da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Virá esse reinado? Duvidar do seu advento seria negar o progresso. Se compararmos a sociedade atual, nas nações civilizadas, com o que era na Idade Média, reconheceremos grande a diferença. Ora, se os homens avançaram até aqui, por que haveriam de parar? Observando-se o percurso que eles não fizeram apenas de um século para cá, poder-se-á avaliar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações a esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de consegui-lo. Por isso é que se movimentam, agitam tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho se lhes aclarará.

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda as ideias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe não obstado ao progresso e pela moralização das massas. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto a esse sonho; deixá-lo-iam morrer tranquilamente, como há sucedido a muitas utopias. Isto, por si só, devesse dar que pensar a certos zombadores, fazendo-os ponderar que talvez haja aí alguma coisa mais séria do que imaginam. Mas, há pessoas que de tudo riem, que ririam mesmo de Deus, se o vissem na Terra. Também há os que têm medo de que aos seus olhos se apresente a alma que se obstinam em negar.

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre-exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. Pela sua natureza, não pode, nem deve exercer nenhuma pressão. Proscurendo a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz. Não repudia nenhuma descoberta da Ciência, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, estando a ação do Espiritismo no seu poder moralizador, não pode ele assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará às ideias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes dos homens e às relações sociais. E maior será essa influência, pela circunstância de não ser imposta. Forte como filosofia, o Espiritismo só teria que perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império das ideias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, ele repele todo misticismo, desde que não se estenda esta denominação, como o fazem os que em nada creem, à crença em Deus, na alma e na vida futura. Induz, é certo, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, mas porque essa é a vida normal, sendo nela que se têm de cumprir os nossos destinos, pois que a vida terrestre é transitória, passageira. Pelas provas que apresenta da realidade da vida espiritual, ensina aos homens a não atribuírem mais que relativa importância às coisas deste mundo, dando-lhes assim força e coragem para suportar com paciência as vicissitudes da vida terrena. Ensina-lhes que, morrendo, não deixam para sempre este mundo; que podem a ele voltar, a fim de aperfeiçoarem sua educação intelectual e moral, a menos que já estejam bastante adiantados para merecerem passar a um mundo melhor; que os trabalhos e progressos que realizem, ou para cuja realização contribuam, lhes aproveitarão, concorrendo para que melhorada se lhes torne a posição futura. Mostra-lhes dessa forma que é de todo o interesse deles não o desprezarem. Se lhes repugna voltar aqui, uma vez que possuem o livre-arbítrio, deles depende o fazerem o que é necessário a se tornarem habitantes de outros orbes; mas, que não se iludam sobre as condições que devem preencher para merecerem uma mudança de residência! Não será por meio de algumas fórmulas, expressas em palavras ou atos, que o conseguirão, sim por efeito de uma reforma séria e radical de suas imperfeições, modificando-se, despojando-se das paixões más, adquirindo dia a dia novas qualidades, ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de proceder que levará solidariamente todos os homens à ventura, pela fraternidade, pela tolerância, pelo amor.

A Humanidade se compõe de personalidades, que constituem as existências individuais, e das gerações, que constituem as existências coletivas. Umas e outras avançam na senda do progresso, por variadas fases de provações que, portanto, são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Do mesmo modo que, para o encarnado, cada existência é um passo à frente, cada geração marca um grau de progresso para o conjunto. É irresistível esse progresso do conjunto e arrasta as massas, ao mesmo tempo em que modifica e transforma em instrumento de regeneração os erros e prejuízos de um passado que tem de desaparecer. Ora, como as gerações se compõem dos indivíduos que já viveram nas gerações precedentes, segue-se que o progresso delas é a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, quem demonstrará, poderão dizer a existência de solidariedade entre a geração atual e as que a precederam, ou entre ela e as que lhe sucederão? Como se poderia provar que eu já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se produzirão na sucessão dos tempos?

Nas obras fundamentais da Doutrina e na Revista, o princípio da pluralidade das existências já foi exaustivamente demonstrado, para que ainda nos detivéssemos aqui a demonstrá-lo. Nos fatos da vida cotidiana fervejam provas e uma demonstração quase matemática. Limitamo-nos, pois, a concitar os pensadores a que atentem nas provas morais que decorrem do raciocínio e da indução.

Será, porventura, necessário vejamos uma coisa, para que nela acreditemos? Observando efeitos, não se pode adquirir a certeza material da causa?

Afora a da experiência, a única senda legítima que se abre para essa investigação consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece notabilíssimo exemplo desse princípio, quando empreende descobrir os indícios dos meios que serviram à perpetração de um crime, as intenções que se agregam à culpabilidade do malfeitor. Este não foi apanhado em flagrante e, contudo, é condenado por esses indícios.

A Ciência, que pretende caminhar tão-só pela via da experiência, afirma todos os dias princípios que mais não são do que induções das causas por meio unicamente da observação dos efeitos.

Em geologia, determina-se a idade das montanhas. Porventura assistiram os geólogos ao surto delas? Viram formarem-se as camadas de sedimento que lhes determinam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem se avalie o peso dos planetas, suas densidades, seus volumes, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; entretanto, os sábios não fizeram experiências diretas e é à analogia e à indução que devemos tão belas e preciosas descobertas.

Os homens de antanho, baseados nos testemunhos de seus sentidos, afirmavam ser o Sol que gira em torno da Terra. No entanto, esse testemunho os enganava e prevaleceu o raciocínio.

O mesmo se dará com os princípios que o Espiritismo sustenta desde que se disponha a estudá-los, sem prevenções, e, então, a Humanidade entrará, real e rapidamente, numa era de progresso e de regeneração, porque, já não se sentindo isolados entre dois abismos, o desconhecido do passado e a incerteza do porvir, os indivíduos trabalharão com energia por aperfeiçoar e multiplicar os elementos da felicidade que tem de ser obra deles, porque reconhecerão que não é devida ao acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios gozarão, no futuro e em melhores condições, do fruto de seus labores e de suas vigílias. É que o Espiritismo lhes ensinará que, se as faltas coletivamente cometidas são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários, princípio em virtude do qual desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos e a Humanidade, livre das faixas da infância, avançará, célere e virilmente, para a conquista de seus verdadeiros destinos.

Allan Kardec

Fonte: Obras Póstumas - Questões e Problemas - As Expições Coletivas

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Espiritismo não dogmatiza; não é uma seita nem uma ortodoxia. É uma filosofia viva, patente a todos os espíritos livres, e que progride por evolução. Não faz imposições de ordem alguma; propõe, e o que propõe apoia-se em fatos de experiência e provas morais; não exclui nenhuma das outras crenças, mas se eleva acima delas e abraça-as numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.

Léon Denis (Fonte: O problema do ser, do destino e da dor, primeira parte, Cap. IX,)



Filosofia e Espiritismo

Kardec afirma, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

A Inveja

Ser ou não “Ser” Espírita (“Proselitismo”?)

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo” (Merleau-Ponty)

Há tempos tenho ouvido a seguinte frase: não devemos obrigar as pessoas à adesão espírita, pois isso é fazer proselitismo.

Em outra ocasião, alguém disse: cada criança ou jovem deve escolher o seu caminho, afinal, Kardec disse que o Espiritismo não é proselitista. Em todos esses momentos citados, com algumas variantes, mas sempre com o mesmo sentido, sentimos que a dúvida permaneceu no ar: afinal, o que é ser espírita? Mas o mais interessante é: o que é ser proselitista?

E ainda, por que a preocupação reinante no pensamento dessas pessoas de não demonstrarem a sua “adesão” ao Espiritismo? Em que isto estaria confrontando outras religiões, ou doutrinas, ou crenças? Ou será que desconhecemos o que é ser espírita de verdade?

Se lançarmos algumas perguntas, tais como: qual o papel do espírita para consigo mesmo e a sociedade, em que o conhecimento dos princípios espíritas poderia mudar radicalmente o enfoque da vida das pessoas, aqui ou em qualquer outra parte do mundo (desde que aceitos, claro); teríamos uma avalanche de “não sei muito bem, mas...acho que ...,bem, penso que...”.

Pois bem, é justamente aí que o “ser espírita” entra em questão.

Vamos por partes, muito embora as alternativas que ofereçamos a seguir obviamente não sejam abrangentes, pois se o fossem, também estaríamos limitando as possibilidades humanas de especularem a favor do bem viver, conforme a bússola que a Filosofia Espírita nos oferece.

Começemos por definir o “ser espírita” como um movimento de transgressão, que aqui não se trata do significado de fomentar revoltas, mas pensar e agir contra a maré do senso comum e apresentar novas alternativas para o bem viver individual e coletivo através do conhecimento sólido e bem estruturado de seus princípios condutores da Vida.

Por exemplo, todos sabem que a ética é uma disciplina das atitudes, porém, nem todos tem o alcance moral desse conceito. Jesus no-la oferece quando diz do “amar ao próximo como a si mesmo,” A Filosofia Espírita naturalmente amplia esse conceito quando detalha o poder dos efeitos sobre as causas determinantes, ou seja, pelo fato de vivermos num plano evolutivo moral onde o determinismo se manifesta como efeito das causas morais geradas por nós. Mas não há, então, determinismo divino? Sim, há determinismo divino que se manifesta através das leis que repousam na consciência humana (v. *O Livro dos Espíritos, Terceira parte, Leis Divinas ou Naturais*).

Quanto mais evoluído é o ser, maior será a consciência dessas leis, é quando ele próprio se expande, independente do espaço existencial em que se encontre, como encarnado ou desencarnado, numa cosmovisão que abarca a realidade de uma perspectiva inédita. Este é o condicionamento das Leis; a evolução do Espírito.

E quanto ao livre-arbítrio? Está inserido nesse movimento de tomada de consciência dos conteúdos das leis em si, na interexistência, já que a liberdade faz parte desses conteúdos. Quanto à moral, ela qualifica esse processo, conduzindo o ser para o reto caminho do pleno Amor. Tal como Jesus disse e fez. Isto significa que não temos alternativas, nem poderes para evitar as consequências das más ações, pensamentos e atitudes, atraindo para nós a intensidade do mal praticado, quando consciente, sem remorsos ou retratação (aqui não se trata de Lei de Talião, instrumento de contenção das leis mosaicas).

Citemos como exemplo um sentimento dos mais perniciosos e ainda vigente no coração humano; a inveja.

A profa. Olgária Mattos, da USP (Filosofia), define ética, hoje, como o conjunto de experiências valorativas agregadoras, ou seja, na prática, trata-se de prudência nas ações, boas maneiras, valorar a palavra empenhada, a boa educação.

Porém, em algum momento, perdemos a capacidade de vivenciar tais valores, que são vistos como mero formalismo e perda de autenticidade. Uma das consequências, é o sentimento de inveja, visto como processo universalizado: o padrão “quero o que o outro tem”, foi substituído pelo “não quero que o outro tenha.”

Segundo a professora Olgária, ISSO PODERIA CARACTERIZAR um estado de guerra de todos contra todos. Segundo Dorrit (in: *VENTURA, Inveja, o mal secreto, pg.18*), a inveja é um sentimento inconfessável e tão insidioso que faz com que os outros seis pecados capitais pareçam até “invejáveis”: pode-se controlar a cobiça e acalmar a ira; seria possível sublimar a luxúria e saciar a gula; o orgulho não chega a ser mortal e a preguiça não é um estado irreversível.

Mas a inveja, não, ela é inesgotável, sorrateira, calculista, cumulativa, duradoura, sub-reptícia, incontrolável ou, poderemos resumir numa só frase: um eterno descontentamento consigo mesmo. Segundo o autor, detalhar a inveja seria penetrar no âmago dos sentimentos e emoções menores do invejoso que vê no outro, não o seu semelhante, mas um adversário permanente.

A cobiça é competitiva. A inveja, destrutiva. O filósofo italiano Norberto Bobbio define a inveja como o sofrimento diante do sucesso alheio. Gore Vidal, escritor norte-americano assim diz: *“quando um de meus amigos tem sucesso, alguma coisa em mim se apaga.”*

O invejoso é um sofredor contumaz, Está sempre atento observando as conquistas alheias e se perguntando porque ele próprio não as consegue. Em nossa cultura brasileira, ela foi associada ao mau olhado, constante da própria etimologia da palavra inveja: *invidere*, em latim, tem essa conotação de olhar inviesado, de soslaio.

O espírita estaria indene a tais sentimentos perniciosos? De forma alguma. Contudo, procurando saber de suas causas, estaria dando um primeiro passo para a sua solução. Mas o espírita é o único a interessar-se por essas “causas”? Mais uma vez, de maneira nenhuma.

A inveja é assunto das religiões (vide a saga de José, no Antigo Testamento, invejado pelos próprios irmãos que tramam a sua morte), dos consultórios de psicanálise, das ciências psicossomáticas, da própria filosofia, da literatura, como citamos. Porém, o espírita terá um instrumento valioso de análise comportamental, ao buscar não nesta existência, mas na precedente, ou precedentes, as causas que motivaram ou ainda que deram origem ao seu sofrimento atual. Portanto, o ser espírita é muito mais do que apenas conhecer tais sentimentos.

É conhecê-los, e tratá-los sob um ponto de vista muito mais amplo do que o dos analistas, restritos ao momento presente.

Sem dúvida que o conhecimento espírita propiciará ao padecente de tais sentimentos os recursos para optar por uma terapia regressiva que tente colocar um final nessa questão, pois o sofrimento contundente – outro conceito mal compreendido – também age como mecanismo de despertar consciencial, fazendo desabrochar as sementes de amor que jazem latentes no interior dele próprio, e que, quando balsamizadas pelas águas suaves de um Evangelho plenamente aceito, o premiará com a compreensão dos exemplos magníficos de tantos missionários do Bem, despojados da arrogante vaidade, por isso missionários.

Mas voltemos aos conceitos. Proselitismo é o mesmo que sectarismo, partidarismo, Prosélito é aquele que, muito mais que adepto, é correligionário, partidário.

No campo das religiões dogmáticas, o proselitismo levou, no passado, à ortodoxia, que incentivou a violência física, o banimento, o desterro, a proscricção, condenação, a morte de livres pensadores como Pedro Abelardo, Galileu Galilei, Copérnico, Jan Huss, Wycliffe, Lutero, Tyndale, e centenas de outros, muitos dos quais anônimos.

Tudo isto tem influência cabal em nossa visão de mundo, já que somos herdeiros de nossa própria história. Aceita-se o Espiritismo mas não se alcança a sua proposta. Esta passa a ser apenas um componente de um “compromisso doutrinário”, como se a sua constituição fosse apenas regulamentar, institucional, proselitista, nunca consciencial.

“Frequenta-se” ou “trabalha-se” num centro espírita com a mesma postura dispensada à uma igreja ou a um lugar público qualquer; preservam-se cargos, perdem-se os conceitos sublimes da responsabilidade pelo desenvolvimento da consciência alheia, do próximo mais próximo, aquele, que Jesus nos indicou como irmão, irmã; aquele semelhante cuja liberdade Gandhi e Luther King defenderam com a vida, Chico Xavier com a sua firmeza de caráter manifesta pela ternura autêntica, Como Denis, cujo intelecto foi buscar, na periferia de Paris, almas para educar. Todos inspiraram e continuam inspirando seguidores, não de suas personalidades, mas de seus conceitos de vida, de firmeza de posição, de propósitos, de amor à Vida em seu conceito mais amplo (ainda os conceitos).

A proposta filosófico-espírita muda a visão de mundo, o olhar cotidiano, como se mudássemos a paisagem de nossas janelas. *René Magritte* pintou um quadro, cujo título é “*La clef des champs*” (A chave dos campos), veja ao lado.



Esta é uma expressão francesa que sugere a liberação de todo constrangimento físico e mental. A Filosofia Espírita liberta mentes de seus sistemas, mas muito mais que isso, transporta-as para fora das suas janelas, para que o mundo seja visto como ele é, e as pessoas, como portadoras de suas legítimas competências e virtudes latentes.

A Filosofia Espírita, sem fechar questões, indica-nos o caminho certo para aprofundá-las, com o apoio do livre pensar. Este, certamente, poderá ser o caminho reto e seguro para o ser espírita, interexistente e possuidor de todos os seus atributos eternos e imutáveis.

Sonia Theodoro da Silva

Bibliografia: KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*; PIRES, J.H. *O Centro Espírita, Introdução à Filosofia Espírita*.

Fonte: <https://filosofiaespirita.org/a-inveja/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados - e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em *A Gênese* que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da *Revista Espírita* o termo *Jornal de Estudos Psicológicos*, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

Necessidade de Valorização

Os destrutivos gigantes da alma, que exteriorizam os tormentos e a imaturidade do ego, de alguma forma refletem um fenômeno psicológico, às vezes de procedência inconsciente, noutras ocasiões habilmente estabelecido, que é a necessidade da sua valorização.

Quando escasseiam os estímulos para esse cometimento do eu, sem crescimento interior, que não recebe compensação externa mediante o reconhecimento nem a projeção da imagem, o ego sobressai e fixa-se em mecanismos perturbadores a fim, de lograr atenção, desembaraçando-se, dessa forma, do conflito de inferioridade, da sensação de incompletude. Tivesse maturidade psicológica e recorreria a outros construtores gigantes da alma, como o amor, o esforço pessoal, a conscientização, a solidariedade, a filantropia, desenvolvendo as possibilidades de enriquecimento interior capazes de plenificação.

Acostumado às respostas imediatas, o ego infantil deseja os jogos do prazer a qualquer preço, mesmo sabendo que logo terminam deixando frustração, amargura e novos anelos para fruir outros. A fim de consegui-lo e por não saber dirigir as aspirações, asfixia-se nos conflitos perturbadores e atira-se ao desespero. Quando assim não ocorre, volta-se para o mundo interior e reprime os sentimentos, fechando-se no estreito quadro de depressão. Renitente, faculta que ressumam as tendências do prazer, mascaradas de auto-aflição, de autoflagelação, de autodepreciação. Entre muitos religiosos em clima de insatisfação pessoal, essa necessidade de valorização reaparece em estruturas de aparente humildade, de dissimulação, de piedade, de proteção ao próximo, estando desprotegidos de si mesmos...

A humildade é uma conquista da consciência que se expressa em forma de alegria, de plenitude. Quando se manifesta com sofrimento, desprezo por si mesmo, violenta desconsideração pela própria vida, exhibe o lado oculto da vaidade, da violência reprimida e chama a atenção para aquilo que, legitimamente, deve passar despercebido. A humildade é uma atitude interior perante a vida; jamais uma indumentária exterior que desperta a atenção, que forja comentários, que compensa a fragilidade do ego. O caminho para a conscientização, de vigilância natural, sem tensão, fundamentando-se na intenção libertadora, é palmilhado com naturalidade e cuidado.

Jesus, na condição de excepcional Psicoterapeuta, recomendava a vigilância antes da oração, como forma de auto-encontro, para depois ensejar-se a entrega a Deus sem preocupação outra alguma. A Sua proposta é atual, porquanto o inimigo do homem está nele, que vem herdando de si mesmo através dos tempos, na esteira das reencarnações pelas quais tem transitado. Trata-se do seu ego, dissimula-dor hábil que conspira contra as forças da libertação.

Não podendo fugir de si mesmo nem dos fatores arquetípicos coletivos, o ser debate-se entre o passado de sombras — *ignorância, acomodação, automatismos dos instintos* — e o futuro de luz — *plenitude através de esforço tenaz, amor e auto-realização* — recorrendo aos dias presentes, conturbados pelas heranças e as aspirações. No entanto, atraído pela razão à sua fatalidade biológica — *a morte* — transformação do soma — histórica — a felicidade — e espiritual — a liberdade plena — vê o desmoronar dos seus anseios e reconstrói os edifícios da esperança, avançando sem cessar e conquistando, palmo a palmo, a terra de ninguém, onde se expressam as próprias emoções conturbadas. Essa necessidade de valorização egóica pode ser transformada em realização do eu mediante o contributo dos estímulos.

Cada ação provoca uma reação equivalente. Quando não se consegue uma resposta através de um estímulo positivo, como por exemplo: — Eu te amo, para uma contestação equivalente: — Eu também, recorre-se a uma negativa: — Ninguém me ama, recebendo-se uma evasiva — Não me inclua nisso. Sob trauma ou rancor, o estímulo expressa-se agressivo: — Não gosto de ninguém, para colher algo idêntico: — A recíproca é verdadeira.

Os estímulos são fontes de energia. Conforme dirigidos, brindam com resultados correspondentes.

O ego que sente necessidade de valorização, sem o contributo do self em consonância, utiliza-se dos estímulos negativos e agressivos para compensar se, sejam quais forem os resultados.

O importante para o seu momento não é a qualidade da resposta estimuladora, mas a sua presença no proscênio onde se considera ausente.

Verdadeiramente, no inter-relacionamento social, quando todos se encontram, o ego isola suas vítimas para chamar a atenção ou bloqueia-as de tal forma que não ficam ausentes, porém tornam-se invisíveis. Encontram-se no lugar, todavia, não estão ali. Essa invisibilidade habilmente buscada compensa o conflito do ego, mantendo a autoflagelação de que não é notado, não possui valores atraentes. Tal mortificação neurótica introjeta as imagens infelizes e personagens míticas do sofrimento, que lhe compõem o quadro de desamparo emocional de desdita pessoal.

Nesse comportamento doentio do ego, a necessidade de valorização, porque não possui recursos relevantes para expor, expressa-se na enganosa autocomiseração que lhe satisfaz as exigências perturbadoras, e relaxa, completando-se emocionalmente.

Quando o self assoma e governa o ser, os estímulos são sempre positivos, mesmo que tenham origem negativa ou agressiva, porque exteriorizam o bemestar que lhe é próprio.

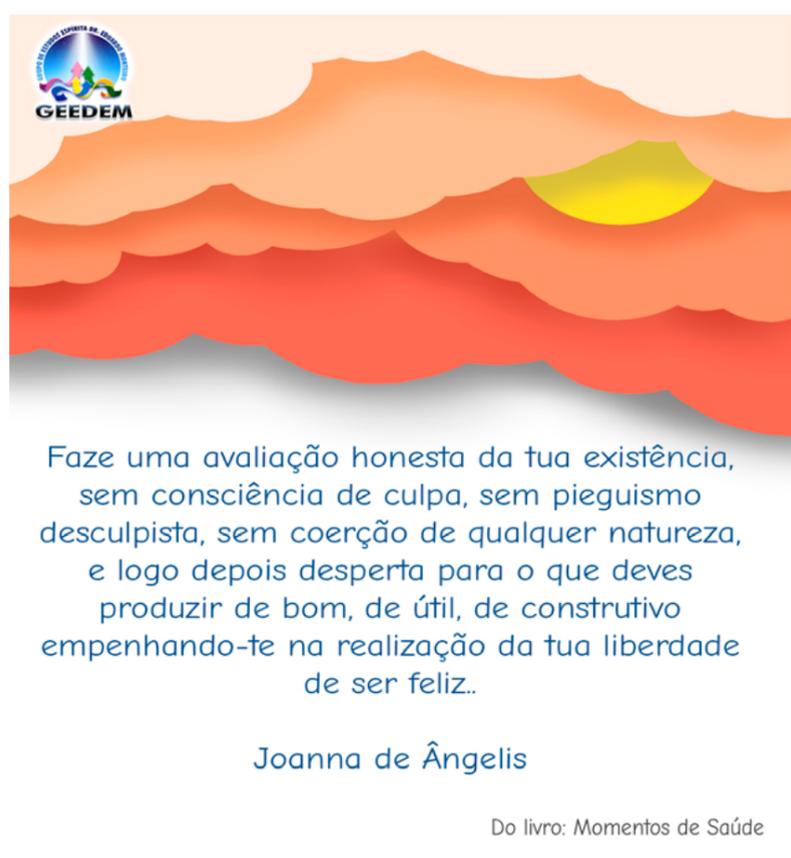
Se alguém diz: Não gosto de você, a mensagem transacional retorna elucidando : — Eu, no entanto, o estimo.
Se a proposta afirma: — Detesto-o, a comunicação redargue: — Eu o admiro.

Não se contamina nem se amargura, porque, em equilíbrio, possui valor, não tendo necessidade de valorização.

Joanna de Ângelis

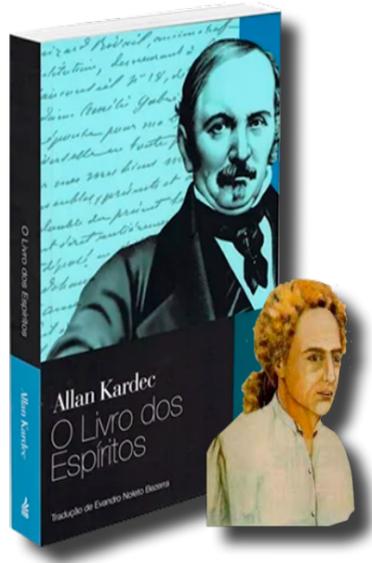
Fonte: Livro *O Ser Consciente (Psicografia Divaldo P. Franco)*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Acaso é apenas um dos apelidos de Deus.

(Herminio C. Miranda)



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção Filosofia Espírita é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

» O Livro dos Espíritos » Capítulo I » De Deus » Deus e O Infinito

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”

Comentários de Miramez

Cap. 01 - A Suprema Inteligência

O primeiro interesse de Allan Kardec foi saber dos Espíritos quem era Deus e eles responderam dentro da maior simplicidade, mas com absoluta segurança: Deus é a Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.

Não poderemos nos sentir seguros onde quer que estejamos, sem pelo menos alimentar a idéia de uma fonte criadora e imortal. O estudo sobre o Senhor nos dá um ambiente de fé que corresponde, na sua feição mais pura, à vontade de viver. Sentimos alegria ao entrarmos em contato com a natureza, pois ela fala de uma inteligência acima de todas as inteligências humanas, de um amor diferente daquele que sentimos, de uma paz operante nos seus mínimos registros de vida. O Deus que procuramos fora de nós está igualmente no centro da nossa existência, porque Ele está em tudo, nada vive sem a Sua benfeitora presença.

O Criador estabeleceu leis na Sua casa maior, que cuidam da harmonia na mansão divina, sem jamais esquecer do grande e do pequeno, do meio e dos extremos, para que seja dado, a cada um, segundo as suas necessidades. Não existe injustiça em campo algum de vida, pois cada Espírito ou coisa se move no ambiente que a sua evolução comporta; daí resulta o porquê de devermos dar graças por tudo o que nos é colocado no caminho.

É justo, entretanto, que nos lembremos do esforço individual, e mesmo coletivo, de sempre melhorar, como sendo a nossa parte, para alcançarmos o melhor. Aquele que acha que tem fé em Deus, mas que vive envolvido em lugares de dúvida, com companheiros que não correspondem às suas aspirações de esperança, ainda carece da verdadeira fé, iluminada pela temperatura do amor. É a confiança que requer reparo. Assim sucede com todas as virtudes conhecidas e, por vezes, vividas por nós.

Estudemos a harmonia do Universo, meditemos sobre ela, pedindo ao Mestre que nos ajude a compreender esse equilíbrio divino, porque se entrarmos em plena ressonância com a Criação sanar-se-ão todos os problemas, serão desfeitas todas as dificuldades e todos os infortúnios cessarão. Somente depois disso, pelas vias da sensibilidade e pelo porte espiritual que escolhemos para viver, é que teremos a resposta mais exata sobre o que é Deus.

Conhecer e Amar são duas metas que não poderemos esquecer em todos os nossos caminhos. Esses dois estados d'alma abrir-nos-ão as portas da felicidade, pelas quais poderemos viver em pleno céu, mesmo estando andando e morando na Terra. A Suprema Inteligência está andando conosco e falando constantemente aos nossos ouvidos, em todas as dimensões do entendimento, porém, nós ainda estamos surdos aos Seus apelos e passamos a sofrer as conseqüências da nossa ignorância. Todavia, o intercâmbio entre os dois mundos acelera uma dinâmica sobremodo elevada a respeito das coisas divinas, para melhor compreensão daqueles que dormem, e o Cristo, como guia visível através das mensagens, toca os clarins da eternidade anunciando novo dia de libertação das criaturas, mostrando onde está Deus e que é Deus, que nos espera, filhos do seu Coração, de braços abertos, como Pai de Amor.

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim; o desconhecido; tudo que é desconhecido é infinito.”

O infinito, como que desconhecido para todos nós, é a casa de Deus, cujas divisões escapam aos nossos sentidos, mesmo os mais apurados. O Pai Celestial está, por assim dizer, no centro de todas as coisas que existem e, ainda mais, se encontra onde achamos a permanência do nada.

Se acreditamos somente naquilo que vemos e que tocamos, somos os mais infelizes dos seres, pois, desta forma agem também os animais. A razão nos diz, e a ciência confirma pelas inúmeras experiências dos próprios homens, que o desconhecido tem maior realidade. O que as almas encarnadas não vêem e não podem tocar definem a existência de força energética, senão inteligência exuberante, capaz de nos mostrar a verdadeira grandeza do infinito em todas as direções do macro e do microcosmo.

Se sentimos dificuldade para definir o que é a vida, certamente não sabemos explicar o que é o infinito, que está configurado na ordem dos mistérios de Deus. Compete a nós outros darmos as mãos em todas as faixas da existência e alistarmos na escola do Senhor sem perda de tempo, sem desprezar o espaço a nós oferecido, por misericórdia do Criador.

Estamos situados em baixa escala, no pentagrama evolutivo. Falta-nos a capacidade de discernir certas leis que regem o universo, como as leis menores que nos sustentam todos em plena harmonia, como micro vidas nos céus da Divindade. Devemos estudar constantemente, cada vez mais, no grande livro da natureza, cujas páginas somente encontraremos abertas, pela visão do amor. Nada errado existe na lavoura universal, o erro está em quem o encontra. Basta pensarmos que o perfeito nada faz sem o timbre da sua perfeição, para crermos que tudo se encontra onde deve estar e onde a vontade do Senhor desejar.

Vivemos em um mundo de duras provas, de reajustes em busca da harmonia. O Cristo é a porta dessa felicidade, nos ensinando a conquistar este estado d' alma com as nossas próprias forças, porque Deus sempre faz primeiro a Sua parte em nosso favor, em favor de todos os Seus filhos. Ninguém é órfão da Bondade Suprema.

O infinito é infinito para nós; para Deus é o Seu Lar, onde vibra o amor e onde o perfume exalante é a alegria na sua pureza singular. É de ordem comum nos planos superiores, que devemos começar pelas lições mais elementares, que nos despertam o coração, primeiramente, para a luz do entendimento.

Querer buscar entender o profundamente desconhecido, sem se iniciar nos rudimentos da educação espiritual, é perder tempo e andar nas perigosas e escuras estradas da ignorância. Se queremos conhecer alguma coisa, no que se refere ao infinito, principiemos na auto-educação dos costumes, observando quem já fez este trabalho, e copiemos suas lutas, que os céus da nossa mente abrir-se-ão e as claridades da sabedoria universal nos banharão com o esplendor da conscientização da Verdade.

Quem deixa para depois o conhecimento de si mesmo e tenta a sabedoria exterior, desconhece a verdadeira porta da felicidade. Cada Espírito é um mundo, um universo em miniatura, onde mora Deus e vibram todas as Suas leis, em ação compatível com o tamanho da individualidade. Assim, para entender o infinito da Criação, necessário se faz começar a entender o infinito da alma.

3. Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir o que está acima de sua inteligência.”

AK: Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não é conhecida por uma outra que não o é mais do que a primeira.

A Suprema Majestade do Universo é, por dignidade própria, o Inconcebível e o Incomparável. Não é digno de um raciocínio apurado dizer que Deus é infinito. Se não sabemos o que é o infinito, por faltar, ainda que seja uma abstração, sentido para tal, na mente dos povos, e mesmo dos Espíritos, Ele passa a ter a Sua existência; e, se Ele existe, foi criado. Não pode ser, nem ter os mesmos valores do seu Criador. A dedução formulada surge, certamente, da pobreza de linguagem, nunca para diminuir a personalidade central de todas as coisas. Nada se pode comparar ao Arquiteto Universal; da sua vida estuante e vigorosa saem vidas com a marca do Seu amor incomparável. Somos todos filhos do Amor.

Nós, os Espíritos encarnados e desencarnados, devemos nos contentar em sentir Deus em todas as coisas, sem pretender o conhecimento completo da Sua magnânima natureza. Somente Ele conhece a Si mesmo.

A nossa evolução, ou despertar, é gradativa em todas as circunstâncias. O saber sobre o Senhor nos vem pela força do progresso, que no-lo entrega pelas mãos do tempo.

Se a natureza não dá saltos em campo algum de vida, comecemos a estudar a nós mesmos com grandes vantagens em relação ao conhecimento de Deus e, se quisermos avançar mais, entremos na escola do Amor, que ele poderá nos transmitir as primeiras lições sobre os atributos da Divindade.

Somos Espíritos imortais. Estamos inseridos, se assim podemos dizer, no bojo do infinito, cujo movimento lembra a inspiração e expiração que nos sustenta todos. Usamos de todos os meios disponíveis que já conhecemos para conhecer o desconhecido, pois é a razão, a ciência, a filosofia e a própria religião, que nos induzem a isso; no entanto, somente o amor mais puro é que nos faz sentir o nosso Pai mais próximo de nós, a pulsar dentro dos nossos corações e a nos dizer: A paz seja convosco, que traduz toda a felicidade na brandura e suavidade do seu calor espiritual.

Se o infinito passar a existir e for conhecido pelas almas com seus variados mistérios, não poderemos tomá-lo como a causa primária de todas as coisas e, sim, como atributo da Inteligência Maior. Todas as comparações que fazemos de Deus, todos os relevantes pontos que a Ele atribuímos diminuem em vista da nossa pobreza de linguagem, porque Ele é, em essência, Incomparável.

Deus é infinito nas suas perfeições, nas qualidades inerentes a sua personalidade que se irradia em todas as direções, que sustenta e dá existência a todas as dimensões do existir.

Ele é o Todo que se vê e, muito mais, tudo o que os nossos sentidos não alcançam.

Ele é Espírito e importa, sim, que O adoremos em Espírito e verdade. Ele está presente nas claridades do máximo e na luz do mínimo.

Ele vibra nas forjas das estrelas e canta nos movimentos dos átomos.

Ele faz mover todas as constelações e harmoniza todo o ninho cósmico.

Ele sorri para nós através das flores, e nos dá as mãos pelas mãos dos nossos benfeitores.

Deus é ternura, na ternura do seu coração.

Sabemos que toda definição, se referindo a Deus, é incompleta; todavia, vamos transcrever a do Apóstolo João, por não encontrarmos outra melhor: Deus é Amor. Ainda assim, entendemos que o Amor é atributo da Divindade.

Fonte: O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Vol I

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.

O Livrinho dos Espíritos

O livrinho dos espíritos é fruto da combinação, em Laura Bergallo, da habilidade com a escrita para o universo infantojuvenil e da condição de mãe atenta de dois jovens, à época com 10 e 12 anos, que, nas reuniões de Estudo do Evangelho no Lar, apesar de nutrirem vivo interesse pelo estudo do espiritismo, não apreendiam muito bem alguns conteúdos de O livro dos espíritos, seja pela linguagem clássica de certas passagens da obra, seja pela profundidade filosófica de uma ou outra abordagem.

Graças a isso, a autora buscou “trazudir” a obra para uma linguagem mais próxima dos jovens, condensando os ensinamentos e a eles acrescentando comentários, mas sem qualquer pretensão de substituir ou atualizar o conteúdo consolidado por Allan Kardec.

Sendo assim, no dizer de Laura, “O livrinho dos espíritos deve ser considerado como uma introdução e uma abertura de caminhos, jamais esgotando-se em si mesmo. Se o nosso jovem leitor puder inicialmente compreender as verdades e se fascinar com os conceitos mais básicos aqui contidos, e se isso o fizer desejar ir adiante, terei cumprido meu objetivo e minha tarefa”.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: https://bit.ly/whatsapp_geedem



Para ler as edições anteriores do IDEM, acesse o link abaixo:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>



Comunhão Universal

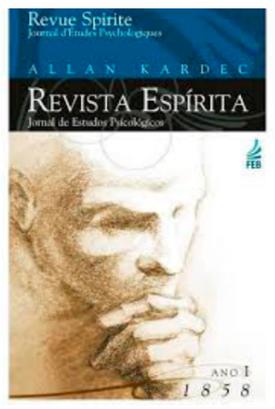


Quando o homem já não tiver segredos, quando se lhe puder ler no cérebro os pensamentos, ele não mais se atreverá a pensar no mal, e, por conseguinte, a fazer o mal. Assim, a alma humana elevar-se-á sempre, subindo pela escala dos desenvolvimentos infinitos. Tempos virão em que a inteligência há de predominar cada vez mais, desembaraçando-se da crisálida carnal, estendendo, afirmando o seu domínio sobre a matéria, criando com os seus esforços meios novos e mais amplos de percepção e manifestação. Apurando-se, por sua vez, os sentidos, verão eles ampliar-se-lhes o círculo de ação. O cérebro humano tornar-se-á como templo misterioso de vastas e profundas naves, cheias de harmonias, vozes e perfumes, instrumento admirável ao serviço de um Espírito que se tornou mais sutil e poderoso. Ao mesmo tempo que a personalidade humana, alma e organismo, a pátria terrestre se transformará. Para que se opere a evolução do meio é preciso que primeiramente se efetue a evolução do indivíduo. É o homem que faz a Humanidade, e a Humanidade, por sua ação constante, transforma a sua morada. Há equilíbrio absoluto e relação íntima entre o moral e o físico. O pensamento e a vontade são a ferramenta por excelência, com a qual tudo podemos transformar em nós e à roda de nós. Tenhamos somente pensamentos elevados e puros; aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos regenerar-se o nosso próprio ser e, com ele, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o Globo e a Humanidade!

E, em nossa ascensão, chegaremos a compreender e praticar melhor a comunhão universal que une todos os seres. Inconsciente nos estados inferiores da existência, essa comunhão torna-se cada vez mais consciente, à medida que o ser se eleva e percorre os graus inumeráveis da evolução, para chegar, um dia, ao estado de espiritualidade em que cada alma, irradiando o brilho das potências adquiridas nos impulsos do seu amor, vive da vida de todos e a todos se sente unida na Obra Eterna e Infinita

Leon Dénis

Fonte: *O Problema do Ser do Destino e da Dor*
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Instruindo-se com Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

A Hipocrisia

Deveria haver na Terra dois campos bem distintos: o dos homens que fazem o bem abertamente e o dos que fazem o mal abertamente. Mas, não! O homem não é franco nem mesmo no tocante ao mal, pois afeta virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! Deusa poderosa! Quantos tiranos criaste! Quantos ídolos fizeste adorar! O coração do homem é realmente muito estranho, pois pode bater quando ele está morto, pois pode, em aparência, amar a honra, a virtude, a verdade, a caridade! Diariamente o homem se prostra ante estas virtudes e diariamente falta à sua palavra, desprezando o pobre e o Cristo. Diariamente é um tartufo e mente. Quantos homens parecem honestos porque a aparência muitas vezes engana! O Cristo os chamava sepulcros caiados, isto é, a podridão interna, o mármore por fora, brilhando ao sol. Homem, com efeito tu pareces essa morada da morte, e enquanto teu coração estiver morto, Jesus não te inspirará; Jesus, esta luz divina que não clareia o exterior, mas que ilumina interiormente.

A hipocrisia, entendei bem, é o vício da vossa época; e quereis fazer-vos grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandecéis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

Lamennais

Fonte: *Revista Espírita 1860 » Outubro » Dissertações Espíritas*
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Paracelso (Theophrastus Bombastus von Hohenheim)

O Pai da Medicina Integral

Personalidade controvertida em sua época, o médico suíço Paracelso é visto hoje em dia como o precursor da medicina holística.

A visão da saúde como o equilíbrio energético do corpo, a importância da fé na cura e a interrelação entre o homem e tudo o que o cerca são apenas alguns dos conceitos elaborados por ele há cerca de 500 anos.

Uma das muitas biografias novas de Paracelso foi financiada em 1993 por uma conhecida indústria farmacêutica em Basel, Suíça. Uma tardia reabilitação, exatamente em seu 500º aniversário (ele teria nascido em dezembro de 1493) para o médico que há muito foi perseguido pela Justiça. Em seu 500º aniversário, sua cidade natal homenageou-o com um simpósio de quatro dias: "*Simpósio Científico de Einsiedeln*", um congresso médico que prometeu levar os participantes a "uma ação coletiva" e deixar "aparecer Paracelso basicamente em momentos espontâneos". O congresso se anunciou como uma "ciência prática e inovativa", e o organizados cumprimentou os participantes, enfatizando especialmente a fogueira (feita por Paracelso em público) na qual aquele cientista queimou livros considerados acadêmicos em seu tempo...

Uma onda de artigos foi publicada em jornais e revistas durante todo ano de seu aniversário. Alguns elogiaram Paracelso como pioneiro da medicina total, outros como pioneiro farmacêutico, químico, alquimista, filósofo, astrólogo e mago. Ele é o padroeiro favorito de farmácias, clínicas e sociedades de vários tipos. Os títulos que recebeu vão desde "Pai da Medicina Naturalista", "Trismegisto da Suíça", até "Lutero da Medicina". Personalidade atacada e perseguida durante toda a vida, hoje ele continua sendo muito criticado. Mas, então, o que esse homem tinha de tão inesquecível?

Paracelso nasceu em Einsiedeln, Suíça, como Theophrastus Bombastus von Hohenheim, não sendo muito favorecido pela natureza: era baixinho, corcunda e gago. Depois de terminar a escola, trabalhar num laboratório e nas minas de Karnten, ele seguiu os passos de seu pai, começando a estudar medicina em Viena e terminando de promover-se em Ferrara, Itália. Desde então, viajou quase continuamente pela Europa. Tentou estabelecer-se como médico em Salzburgo, mas foi expulso porque simpatizou com os agricultores rebeldes. Em Estrasburgo recebeu o título de cidadão, mas partiu para Basel, logo depois, como médico. Ali, após muitos desentendimentos com colegas médicos, farmacêuticos e o próprio conselho da cidade, Paracelso recebeu uma ordem de prisão em 1528, forçando sua fuga da cidade. Ele viajou pelo país como uma espécie de médico-cigano, até voltar para Salzburgo em 1540, chamado pelo bispo daquele lugar. Faleceu logo depois, com apenas 48 anos.

Vai até aqui a parte confiável da biografia desse homem que se chamou Paracelso até hoje não se sabe por quê. Queria ele dizer com isso que estava acima de Celso, famoso médico romano da Antigüidade? Não se sabe a data exata de seu nascimento. Hohenheim, como é freqüentemente chamado na literatura, deixou muitas dúvidas a seu próprio respeito, possibilitando numerosas especulações e lendas.

Seus escritos, originariamente com mais de 8 mil páginas, por um lado chegaram apenas parcialmente até nós; por outro, sua maneira misteriosa de expressar-se possibilita várias interpretações. Além disso, seu modo de comportar-se não era o mesmo do médico convencional, sem falar de suas opiniões, tão provocativas para aqueles tempos, tanto em se tratando de medicina, política ou filosofia. Existem até histórias de que ele era alcoólatra. Usava freqüentemente palavrões e foi a primeira pessoa a dar conferências em alemão - e não em latim, como era costume na Universidade de Basel.

Como já dissemos, Paracelso queimou em público vários livros de medicina tradicional. Ele acreditava em elementais, silfos, gnomos, fadas e na cabala; usava talismãs astrológicos, mágicos. Dizem que ele teria descoberto o "fogo vital", o "magnetismo animal", oficialmente descoberto por Franz-Anton Mesmer. E ele também sabia que existia uma aura...

Mesmo que Paracelso se ocupasse intensamente com astrologia, alquimia e magia, questões esotéricas, sociais e filosóficas ele era principalmente médico, e é nessa função que seu nome é conhecido hoje em dia. Na verdade, em seus escritos a medicina ocupa o primeiro lugar e ele a praticou e lecionou durante toda a sua vida. Em todo o caso, Paracelso não via o médico apenas como um profissional para eliminar os sintomas de uma doença, um modo completamente diferente do que era costume naquela época (e ainda é hoje).

Sua opinião sobre a doença fica muito mais próxima do conceito moderno, porque se baseia numa imagem "cósmica" do mundo e da humanidade, indo muito além da visão tradicional da sua época, que se baseava na doutrina dos fluidos de Hipócrates. Segundo o ponto de vista tradicional, a doença era cansada por mau funcionamento e mistura dos quatro fluidos do corpo: sangue, catarro, bílis preta e amarela. Paracelso modificou a opinião existente naqueles dias definindo a saúde como equilíbrio e doença com o desequilíbrio de todas as energias presentes.

A arte de curar, de acordo com Paracelso, apóia-se em quatro pilares: a filosofia, que significa, antes de mais nada, *"abrir-se ao conjunto das forças naturais, observar essas forças invisíveis na penetração da realidade total e perceber o invisível no visível"*. A astronomia, que nos ensina como as estrelas nos influenciam; a alquimia, útil principalmente na preparação dos remédios; e virtus, a honestidade do médico. De acordo com Paracelso, o médico é a imagem primordial de uma pessoa que está se aperfeiçoando. Mais do que qualquer um, o médico deve reconhecer a ação da natureza invisível no doente ou, em se tratando do remédio, como ela trabalha no visível.

Para podermos nos aproximar das idéias de Paracelso, é inevitável considerar determinadas imagens básicas, que normalmente são rejeitadas pelo médico convencional, porque se apóiam, acima de tudo, em opiniões "ocultas". As duas palavras chave desse lado "secreto" de Paracelso são imaginação e magia. Na biografia "Paracelso, Alquimista, Químico, Pioneiro da Medicina", o historiador e filósofo Lucien Braun, de Estrasburgo, dedica um extenso capítulo a esse aspecto para explicar o significado básico de tais idéias. De acordo com o prof. Braun, é muito difícil explicar a "imaginação" como "sem sujeito e sem imagens". Porque Paracelso quer apenas possibilitar que a natureza apareça, "que a própria luz da natureza surja, mostrando-a. Mas ela apenas mostra a luz àquele que sabe ver sem imagens".

A natureza é mais do que nossos olhos enxergam, *"o invisível que pulsa através do visível"*. O invisível nunca se apresenta como imagem, porque ele não é um objeto, é energia viva, criativa; uma energia não-dividida, que tira as coisas de seu interior, transformando-as no que são na realidade.

Braun acredita que foi Paracelso quem pela primeira vez expressou essa diferenciação histórica do pensamento ocidental. Hoje, pensando nos campos morfogenéticos do biólogo inglês Rupert Sheldrake, ela nos soa muito normal. Foi ela que inspirou Paracelso em relação a seus dizeres mais lindos: *"O visível esconde o invisível, mas apesar disso conseguimos o invisível apenas através do visível."* Para o médico suíço, a natureza não é apenas aquilo que nossos olhos enxergam, nem somente o que existe num outro lugar, mas ambos ao mesmo tempo. Escreveu Braun: *"Assim, não é de surpreender que foi Paracelso quem introduziu a descrição da 'força de imaginação', dando desse modo um nome à energia imanente, que fixa as coisas do interior para fora, cria, faz surgir e não pode ser imaginada de modo algum. Outros atributos dessa força: ela flui através de todas as coisas, 'através de todo esse imenso mundo', e é tão eterna como tudo que existe e não existe, tudo que 'está sendo'."*

Segundo Paracelso, imaginação e magia estão intimamente ligadas. E nesse caso magia quer dizer ação direta sobre coisas, pessoas e todos os seres, sem ajuda da matéria. Ou, expresso de outro modo: o mago é capaz de causar efeitos físicos sem ajuda física. "Afinal", salienta Braun sobre os pensamentos de Paracelso, "toda natureza invisível se movimenta através da imaginação. Se a imaginação fosse forte o suficiente, nada seria impossível, porque ela é a origem de toda magia, de toda ação através da qual o invisível (de um ou outro modo) deixa seu rastro no visível. A energia da verdadeira imaginação pode transformar nossos corpos, e até influenciar no paraíso..."

Paracelso reconheceu também que a fé fortalece a imaginação. Tudo isso inclui as curas milagrosas atribuídas a ele, que não podem ter sido somente o resultado dos remédios, em geral muito simples. É óbvio que eles serviram apenas para influenciar conscientemente a força da imaginação de um doente. As pílulas que o médico suíço levava consigo no botão do punho de sua famosa espada foram, acima de tudo, meios de ajuda a ação mágica.

Baseando-se nesse fundo filosófico, Paracelso ligou as características exteriores de um remédio com as de uma doença. Um remédio "se mostra pela sua assinatura", porque o exterior da planta de que ele é extraído espelha sua função e atributos.

Assim, por exemplo, folhas em forma de coração foram recomendadas para doenças cardíacas. Mas também a época em que o remédio é tomado deve estar certa, pois a energia de uma planta só pode ser liberada durante determinadas constelações planetárias. Remédio, médico e doente formam um total ligadíssimo, de acordo com as leis da natureza. O conhecimento médico tem menos a ver com conhecimento intelectual do que com a intuição e a conhecida clarividência de Paracelso.

Durante um congresso de especialistas, Thomas McKeen, médico-chefe de uma clínica antroposófica, fez comparações entre as opiniões de Paracelso e da antroposofia, incluindo a homeopatia. As duas praticam uma "maneira solta de fazer perguntas", partindo de uma imagem de muitas camadas de homens e doenças. O dr. Lore Deggeller, homeopata em Kreuzlingen, Suíça, também confirma um efeito direto de Paracelso sobre a homeopatia. Sua "graduação" pode ser comparada com potencialização dos remédios, característica da homeopatia desenvolvida pelo seu descobridor, Samuel Hahnemann, de modo "Novo e espontâneo", como também a preparação específica de substâncias naturais para remédios. Hahnemann, é claro, negou a influência de Paracelso e até falou com desprezo sobre ele. Rudolf Steiner, pai da antroposofia, escreve: "Entre Paracelso e Hahnemann existe uma grande diferença: até certo ponto o médico do século 16 ainda era clarividente, Hahnemann não. Ele conseguiu testar o efeito dos remédios pelos sentidos." E o historiador da medicina Heinrich Schipperges chega à conclusão de que Paracelso, como médico de seu tempo, nem praticava medicina tradicional nem moderna - ou seja, ele não pode ser encaixado na medicina ortodoxa tampouco na medicina total. Sua medicina se apoiava muito mais num conceito claro e inconfundível, numa teoria da medicina que tinha suas raízes na filosofia que faz do homem um verdadeiro médico. No entanto, essa filosofia não confia apenas na natureza nem na mente; ela constrói da "luz da natureza" seu "cosmos anthropos".

O autor e teólogo Gerhard Wehr impressiona-se, acima de tudo, com as dicas para o futuro que os escritos de Paracelso contêm. Pensamentos cósmicos estavam bem mais perto dele do que de nós, mesmo se tal pensamento, hoje, já está começando novamente a ganhar terreno. Paracelso não era um místico, mas alguém que viu a matéria penetrada pelo espiritual. Suas conclusões têm valor até hoje porque nenhum médico naturalista pode comparar-se com ele, e o fato de ele ter sido muito criticado tornou-o ainda mais interessante.

Porque Paracelso, afinal, não apenas escreveu livros, mas também teve suas próprias experiências e nunca teve medo de enfrentar as conseqüências negativas de seu pensamento não-conformista. Para ele serve o ditado: "Quem consegue ser ele mesmo não deve pertencer a um outro" tanto hoje como em qualquer outra época, em que cada um corre atrás de um outro guru. Gunhild Porksen, tradutora de textos de Paracelso durante anos, diz que as controvérsias a respeito dele são causadas por seu comportamento grosseiro, rude. Ela chegou à conclusão de que ele era um homem de "energias especiais". Não existem provas de que ele mentiu a respeito, e, já que ele sempre conseguiu entusiasmar pessoas bem diferentes - como, por exemplo, Goethe em seu Fausto, como também em sua "lei das cores", sua influência se conservou até hoje. Os sucessos astrológicos de Paracelso são enfatizados pelo autor e astrólogo Bernd A. Mertz: "Paracelso, sem dúvida alguma, era um grande biólogo e um médico 'total', que entendeu muito do esoterismo. Era esotérico porque falou muito sobre o 'interior' do homem e também sobre a influência das estrelas sobre os seres humanos."

O conhecido autor esotérico Hans-Dieter Leuenberger vê Paracelso como um homem que, como ninguém, **"representava o esoterismo de sua época"**. Da ciência à Renascença, que se entregava cada vez mais a um especialismo acentuado, ele enfatizou um "pensamento total". "A natureza era sua professora, que, para ele, era perfeita porque trabalha de acordo com um grande plano divino." E a idéia de Paracelso de que corpo e alma são uma unidade é, para Leuenberger, um pensamento totalmente moderno, também reconhecido, cada vez mais, como uma verdade pela medicina moderna.

Fonte: correioespirita.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo

Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino "é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada".

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

Cap. XXVII: *Pedi e Obtireis*

Iens 1 e 4: Condições Da Prece

"E quando orardes, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa.

Mas vós, quando orardes, entrai no vosso aposento, e, fechada a porta, orai a Vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a paga.

E, quando orardes, não faleis muito, como os gentios; pois, cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não queirais, portanto, parecer-vos com eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lho peçais." (Mateus, VI: 5 a 8.)

A prece deve ser sempre um ato íntimo de conversa com o Pai, ou a quem se dirige, não precisando, pois, de um lugar determinado ou especial. "Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade" (João, IV: 23), ou seja, vivendo as suas leis, na prática do bem a todos e a si mesmo.

Sentindo o bem, pensando o bem e fazendo somente o bem, irradiando-o, está-se em contínua oração a Deus, ligado a Ele.

Evidentemente, que isso é um objetivo ainda distante da humanidade terrena, mas se constitui em um ideal a ser alcançado, e ninguém chega a um lugar se não sabe onde quer chegar, se não tem uma meta estabelecida.

Por isso, compreendendo o estímulo da prece, no momento em que o homem se dispõe a esquecer sua vida comum, procurando ligar-se diretamente a Deus, quer seja para agradecer ou para pedir Seu amparo e Sua proteção, Jesus ensinou que se deve orar em secreto, buscando elevar-se acima do lugar em que se esteja. É o momento do "eu" e o Pai.

Quem assim a entende e assim faz, torna-se capaz de orar, mentalmente, até no meio da multidão, até em um ambiente conturbado, criando um canal para que os bons Espíritos possam atendê-lo no momento.

Jesus deixa bem claro, que a prece não vale pelas muitas palavras ou pela repetição, mas pelo sentimento que a eleva, formando uma linha de luz até a quem ela se dirige.

Um Pai Nosso com compreensão dos sentidos das frases, sentindo as ideias que elas expressam, com a consciência do compromisso que assume com Deus cada vez que a profere, eleva o que ora até o Pai, recebendo os benefícios, e irradiando-os aos que estiverem no seu campo de ação.

Nada nesse texto, e em nenhum outro dos Evangelhos, existe a ideia da prece paga, criada por homens preocupados com a vida material, embora se considerem discípulos de Jesus.

Leda de Almeida Rezende Ebner

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

A Mente e O Corpo

Ainda não existem meios que atestem^[1], para a ciência materialista, a força e o poder da mente na cura de doenças ou no equilíbrio da organização física. Tendo os cientistas que se apoiar em fatos concretos e comprovadamente corretos, nem sempre os valores do Espírito ou sua atuação podem ser auferidos materialmente, em horas pré-determinadas e sob leis da Física ou da Química.

Contudo, temos acompanhado, com interesse, pesquisas de cientistas que estudam a base de ligação da mente com o corpo, principalmente o ramo da Medicina que busca a solução para a cura de inúmeros males que afligem a humanidade.

Doenças como o câncer, a AIDS e outras infecções que, apesar do esforço de muitos cientistas, estão resistentes aos tratamentos até hoje aplicados, têm oferecido, no entanto, ensejo para exames e reflexões em torno da conotação e da interligação entre cérebro e sistema imunológico.

Pesquisas no campo dos sistemas imunológicos demonstram que células imunológicas bombeiam hormônios chamados linfoquinas, os quais, anteriormente, pensava-se que apenas funcionavam como mensageiros químicos nesses sistemas. Hoje, constata-se que alguns desses hormônios penetram no cérebro, agindo sobre o hipotálamo e a glândula pituitária [hipófise], que influenciam o campo emocional.

Nós, espíritas que estamos familiarizados com a interação Espírito-matéria, não vemos nessas pesquisas senão a confirmação científica de como a mente comanda todo o funcionamento da organização humana, alterando, modificando ou restaurando energias assimiladas por meio de nossos centros de força. O agente principal é o perispírito, cujo estudo e compreensão darão à ciência do futuro a chave para a solução de enfermidades e tratamentos adequados, tanto na área física quanto nas doenças mentais.

Allan Kardec já previra essa importância quando afirmou em A Gênese: “pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo”,^[2] e, posteriormente, em Obras póstumas, relatou:

"O perispírito, como um dos elementos constitutivos do homem, desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas levarem em conta a influência do elemento espiritual na economia, grande passo terão dado e novos horizontes se lhes abrirão. Muitas causas de moléstias serão então descobertas, bem como poderosos meios de combatê-las."^[3]

Quando os cientistas concluírem que sentimentos como tristeza, mágoa e solidão estão intimamente ligados ao surgimento de doenças, estarão a um passo da aceitação da mente como base de todo o mecanismo de equilíbrio ou desorganização celular, defesa e imunidade a certas moléstias. Se o sistema imunológico e o cérebro já estão conectados no nível biológico, a saúde mental também está obrigatoriamente ligada à física.

Conceitos como este mudarão profundamente o tratamento de certas enfermidades e darão novos rumos à Medicina nas pesquisas sobre vírus e na busca das defesas e vacinas como tratamento profilático para certas doenças.

Como o progresso moral está estreitamente ligado ao progresso material, também nos campos dessas pesquisas, as conquistas médicas, que tantos benefícios trarão para a humanidade, dependerão da condição do Espírito e de seu posicionamento no resgate e ressarcimento dos débitos acumulados em múltiplas existências, ao longo do processo evolutivo.

Nosso sofrimento, no que se refere às enfermidades físicas, decorrem de causas alheias à nossa vontade, como processos naturais ou acidentais, modificando nosso comportamento ante a vida, e poderão ocorrer – e isso é muito frequente – moléstias como consequência de abusos e desequilíbrios do comportamento humano.

Em ambos os casos, o sofrimento nos coloca numa situação de reflexão e análise, buscando a valorização da vida e da saúde como elementos fundamentais em nosso crescimento espiritual e maior compreensão da dor e do sofrimento alheios. Longe de ser uma atitude de passividade e inércia, deverá ser uma conduta cristã de resignação ante os desígnios de Deus, na aceitação da doença, da dor. Uma luta constante em busca da vida e do equilíbrio emocional.

Quando sofremos, por meio de enfermidades que nos retêm ao leito, ou nos impedem de estar junto aos labores do dia a dia, temos ensejo de refletir mais profundamente sobre os valores da vida e nos ligamos mais facilmente às coisas do Espírito, compreendendo melhor a misericórdia de Deus.

Reformulamos planos, analisamos atitudes e substituímos valores antes tão importantes por outros mais valiosos ligados à nossa integridade física e moral.

Nessa fase, em que o Espírito comanda mais nitidamente o corpo físico, é que compreendemos o valor da mente, do pensamento criador influenciando decisivamente no comando da vida.

Parece que, amortecidos, diminuídos os sentidos físicos pela enfermidade, a mente pode antever a plenitude da vida espiritual e como que recapitula toda a intensidade do que realmente importa ao Espírito imortal! Nessa fase, há uma superação dos valores morais e espirituais sobre os materiais.

Afloram-se-nos à mente aqueles tesouros esquecidos, que, ao longo da vida, enriqueceram nosso coração e pareciam adormecidos. Seja no desapego das coisas materiais (*“despoja-te do que tens e segue-me”*), na influência decisiva do pensamento como desencadeador dos fatos futuros (*“seu tesouro está onde está seu coração”*), na busca da paz e da tranquilidade acima das conquistas humanas (*“meu reino não é deste mundo”*), no consolo da fé e na certeza do futuro (*“pedi e obtereis”*) ou na ação benfazeja e profilática do perdão (*“o sacrifício mais agradável a Deus”*).

Vamos aos poucos aglutinando em nosso campo mental esses conceitos, assimilando-os a ponto de reformular toda uma estrutura de vida, alicerçados sempre pelos conceitos e aconselhamentos que há milênios nos acompanham na forma mais intensa de amor, compreensivo e paciente.

E Jesus, assim, nos mostra que, por meio da dor, iremos educar e reformar a nossa vida moral até que aprendamos, por meio do amor, a restaurar outras vidas que palpitam em torno de nós.

Lucy Dias Ramos

[1] Hoje em dia, 32 anos após a escrita desse texto, podemos com alegria testemunhar conclusões científicas mais sólidas nessa direção. Daí a importância de sua republicação!

[2] KARDEC, Allan. A Gênese. Rio de Janeiro: FEB, 2009, c. 14, i. 18.

[3] KARDEC, Allan. Obras póstumas. Rio de Janeiro: FEB, 2009, 1. p., “Manifestação dos Espíritos”, i. 12.

Fonte: omedium.amejf.org.br/

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

(...) O objetivo da evolução, a razão de ser da vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente creem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nós tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

Leon Dénis (Fonte: O problema do ser, do destino e da dor, primeira parte, Cap. IX,)



Aprofundado os Conhecimentos nas Leis Naturais

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos. Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

“Liberdade”, “Karma”, “Causa e Efeito” perante as Leis de Deus

A nossa liberdade de escolha é conectada à “Lei de Causa e Efeito”, ou seja, tudo aquilo que penso, que desejo, que faço determina consequências naturais. A experiência da vida humana é circunstanciada por livres decisões vinculadas às implicações das escolhas. As Leis Divinas permitem assumirmos decisões livremente, contudo as escolhas geram resultados adequados ou desagradáveis, dependendo das opções.

Deus jamais nos pune e suas Leis não são e nunca foram de natureza punitiva, pois as escolhas que fazemos poderão trazer uma “colheita” natural e sempre proporcional ao “plantio”, consoante o maior ou menor discernimento dos atos. Deus é amor, não existe nada fora de Deus; portanto deduzimos que não existe nada fora do amor. O que é contrário à Lei de Deus, na realidade, não existe de forma absoluta.

As nossas escolhas transportam na essência as implicações adequadas ou malfazejas. O nosso estado, feliz ou flagelante, é intrínseco ao nosso estado de pureza ou impureza moral. Por isso, não devemos procurar em Deus a imunidade das nossas dificuldades, mas exoremos a força necessária para superá-las. Nas esferas espirituais não há qualquer código que puna ou premie; no além-túmulo vigora a "Lei da Escolha das Provas" e não leis coercitivas com atributos punitivos. O espírito sempre escolherá o que ele irá enfrentar no futuro, como meio de seu desenvolvimento moral e intelectual.

Vejamos que os irracionais, um cachorro, por exemplo, agem por automatismo, portanto não conseguem fazer escolhas, exceto aquelas que estão dentro do espectro do seu instinto. O cão não tem livre-arbítrio, logo seus “atos errados” não lhe podem trazer consequências negativas. Contudo, o ser irracional ensaia para vida racional; por esta razão, quando o irracional ingressa no mundo humano desabrocha-se lhe pouco a pouco a consciência e com ela a lei de liberdade, capacitando-o para as escolhas das ações, determinando os resultados ao nível da consciência alcançada.

A “Lei de Causa e Efeito” sincronizada às Leis “de Liberdade” e “de Responsabilidade” determina o rumo da existência humana. Portanto, somos livres para pensar e agir, porém somos responsáveis por aquilo que fazemos, pensamos ou deixamos de fazer.

A reencarnação jamais será um processo punitivo

No movimento espírita defende-se o mito de que TODO sofrimento do presente é fruto dos atos errados do passado, entretanto, no capítulo V do livro O Céu e o Inferno, Kardec diz categoricamente que o sofrimento atual é apenas resultado da imperfeição de que ainda não nos livramos, e não necessariamente de atos errados do pretérito.

Há espíritas que pregam a lei do “Karma” (em sânscrito, significa "ato deliberado"). Nas suas origens, a palavra “Karma” significava "força" ou "movimento". Apesar disso, a literatura pós-védica expressa a evolução do termo para "lei" ou "ordem", sendo definida muitas vezes como "lei de conservação da força". Isto significa que cada pessoa receberá o resultado das suas ações. É um mero fato de causa e consequência. ^[1]

Indubitavelmente a lei do “Karma” é uma lei contraditória, vingativa, fatalista. Seu princípio apoia-se na invasiva conexão do “bateu, terá que apanhar”, “traiu, terá que ser traído”, “matou, terá que morrer”, sempre numa ancestral evocação à antediluviana lei do “olho por olho, dente por dente”.

Ninguém sofre tão somente para “pagar” pela ação errada do passado. A nossa dor não é uma reação a nada, mas uma ação, pois sofremos necessariamente pela causa da liberdade e não "por causa" dela. Allan Kardec faz ligeira alusão ao termo causa e efeito e jamais citou o termo “Karma” para pesquisar e esclarecer as razões da dor e das aflições. Portanto, o “Karma” não foi mencionado em nenhum momento por Kardec ou pelos benfeitores espirituais. Além do mais, a reencarnação jamais será um processo punitivo. Renascemos para nos aprimorarmos moralmente. Se sofremos, de vez em quando, é pela causa que abraçamos livremente e não inapelavelmente por causa de alguma “desobediência” às leis divinas.

Por isso, o bom senso kardequiano sussurra que não há um destino assinalado com acontecimentos detalhados punindo-nos durante a reencarnação, conforme apregoam os místicos partidários do tal “Karma”. A rigor, o tal “Karma” é uma lei impensada e incongruente, por sua vez a Lei de Causa e Efeito (contida na Codificação) é uma lei moral coerente que nos faz crescer e avançar consciencialmente.

O sofrimento é inerente à nossa imperfeição

Na pergunta nº 132 d’O Livro dos Espíritos, Kardec questiona sobre qual seria o objetivo da encarnação. A resposta é clara: “A lei de Deus impõe a encarnação com o objetivo de chegarmos à perfeição...”. Em nenhum momento aparece a palavra amargura, fardo, dor ou qualquer outro termo que signifique “karma”. Pelas sucessivas existências, mediante nossos esforços e desejos de melhoria no caminho do progresso, avançamos sempre e alcançamos a perfeição, que é a nossa destinação final”. [2]

O sofrimento é inerente à nossa imperfeição, ou seja, o orgulhoso sofre as consequências do orgulho e o egoísta sofre os efeitos do egoísmo, mas que fique bem claro uma verdade: ninguém reencarna para passar pela Lei de Talião, mas para superar a imperfeição e evoluir por meio do trabalho no bem, no limite da força de cada um.

Além disso, nem todo sofrimento é expiação. No item 9, cap. V, de O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec assinala: "Não se deve crer, entretanto, que todo sofrimento por que se passa neste mundo seja, necessariamente, o indício de uma determinada falta: trata-se, frequentemente, de simples provas escolhidas pelo Espírito para sua purificação, para acelerar o seu adiantamento". [3]

Como se observa, à luz da Doutrina dos Espíritos só existe um destino projetado para todas as criaturas; é o destino da evolução, do aprimoramento intelectual e moral mirando o conhecimento da VERDADE para a aquisição da pura e inexaurível felicidade. Não há fatalismos catastróficos em nosso destino. Jamais poderemos pronunciar que “o que está escrito está escrito” e nada modificará o nosso destino. Ora! Se acreditarmos nisso, renegaremos o livre-arbítrio e a Lei de Misericórdia, que nos induz ao amor que cobre a multidão dos atos errados.

Não somos uma máquina (robotizada), até porque sabemos decidir. Adquirimos consciências graduais sobre o chamado bem ou o mal, e isso estabelece os cenários das experiências agradáveis ou não em nossa caminhada. Deus instituiu leis que estão inscritas em nossas consciências. Com a Lei de Causa e Efeito conseguimos avaliar melhor as escolhas e com elas desenvolvemos o discernimento em face das decorrências naturais através das reencarnações.

Todos estamos num conjunto de forças providenciais que determinam uma certa quantidade de “intervenções” (providência divina) para que o livre-arbítrio possa ser operado. Mas todas as escolhas são nossas. Por isso, antes da reencarnação, o fluxograma da nova experiência física jamais será compulsório, porém sugerido amorosamente pelos especialistas do Além; por causa disso elegemos o grupo familiar, a sociedade, a cultura, as condições socioeconômicas, a etnia, o sexo. Tudo isso faz parte de nossa escolha, sugerida ou não pelos Espíritos mais esclarecidos antes da reencarnação, e tal decisão vai-nos aproximar desta ou daquela influência de um grupo social que poderá ter um certo peso relativo nas nossas escolhas.

Não precisamos ser reféns das circunstâncias

O importante aos que ficam por aqui, na Terra, para que tenham o avanço espiritual devido, é não falir pela lamentação, pela revolta, pois "as grandes provas são quase sempre um indício de um fim de sofrimento e de aperfeiçoamento do Espírito, desde que sejam aceitas por amor a Deus". [4]

A liberdade é proporcional ao nosso estágio de evolução moral, por isso somos relativamente livres para certas decisões, mas não precisamos ser reféns das circunstâncias e dos fatores sociais, estruturas familiares, étnicas, espirituais, “astrológicas”, numerológicas etc. Tudo isso pode até influenciar-nos, mas não determina as nossas resoluções a partir das nossas escolhas. Certamente tais influências podem impulsionar-nos às melhores ou às piores escolhas, mas teremos inevitavelmente oportunidades para aprender com a vida.

É bem verdade que há na clássica literatura espírita obras que demonstram as concernentes influências do cenário social, político, econômico e cultural em que estamos colocados e que, em algum nível, podem estar de maneira relativa conexos a um cenário de vida anterior, mas sem implacáveis determinismos “Kármicos”. Enfatizamos que nas leis divinas não existe punição ou recompensa. O Criador estabeleceu leis sábias e justas que determinam efeitos naturais ante nossas escolhas.

Enfatizamos que não estão corretos aqueles que generalizam e afirmam que todo sofrimento é resultado de erros praticados no passado. O desenvolvimento das potencialidades, a subida evolutiva, requer trabalho, esforço, superar desafios. Neste caso é a provação, e não, a expiação, ou seja, são as tarefas a que o Espírito se submete, a seu próprio pedido, com vistas ao seu progresso, à conquista de um futuro melhor.

Apropriamo-nos da nossa vida e determinamos nossas existências com liberdade dentro da evolução. Por isso, responsabilizamos-nos pelas nossas existências, caminhando na vida de conformidade com que fazemos de nós mesmos. Essa autoapropriação da existência através da autorresponsabilização de tudo que acontece conosco dá-nos um certo sentido de domínio na relatividade da nossa existência sobre a aflição, a ternura, a alegria, a desventura.

Naturalmente, tudo o que nos acontece nos diz respeito, portanto não podemos imputar a ninguém a vitória ou o infortúnio naquilo que nos acontece, até porque o que nos ocorre é, na relatividade, um espelho do passado recente ou mais remoto e o que podemos colher amanhã resultará relativamente da nossa semeadura no presente.

A finalidade da Lei de Deus é a perfeição do Espírito

A função da dor é expandir horizontes, para verdadeiramente divisarmos os reais logradouros harmônicos do equilíbrio. Por isso, diante dos compromissos "Kármicos", em expiações coletivas ou individuais, lembremo-nos sempre de que a finalidade da Lei de Deus é a perfeição do Espírito e que estamos, a cada dia, caminhando nessa destinação, em que nosso esforço pessoal e a busca da paz estarão agindo a nosso favor, minimizando ao máximo o peso das consequências dos equívocos do passado.

Somos os senhores e os responsáveis pela vida, portanto, quando erramos, podemos refazer a caminhada mediante novas escolhas, considerando que muitas vezes cometemos escolhas equivocadas e sorvemos os naturais efeitos delas; contudo, à medida que ampliamos a consciência sobre os atos errados, vamos diminuindo até mesmo os efeitos das escolhas, porque bancaremos escolhas mais apropriadas.

Fomos criados para a FELICIDADE! Portanto, ainda que diante de todas as dores e sofrimentos, devemos encará-los com AMOR.

Jorge Hessen

Referências bibliográficas:

- [1] Disponível em significado de karma - acesso 2 de dezembro de 2018
- [2] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 50ª ed., Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1980, questão 132.
- [3] KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, item 9, cap. V.
- [4] Idem, cap.14.

Fonte: oconsolador.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Básicas em Foco

Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de O Livro do Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, além de O Que é o Espiritismo dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O Céu e O Inferno Comentado por José Herculano Pires

Lendo-se este livro com atenção vê-se que a sua estrutura corresponde a um verdadeiro processo de julgamento. Na primeira parte temos a exposição dos fatos que o motivaram e a apreciação judiciosa, sempre serena, dos seus vários aspectos, com a devida acentuação dos casos de infração da lei. Na segunda parte o depoimento das testemunhas. Cada uma delas caracteriza-se por sua posição no contexto processual. E diante dos confrontos necessários o juiz pronuncia a sua sentença definitiva, ao mesmo tempo enérgica e tocada de misericórdia.

Estamos ante um tribunal divino. Os homens e suas instituições são acusados e pagam pelo que devem, mas agravantes e atenuantes são levados em consideração à luz de um critério superior.

A 30 de setembro de 1863, como se pode ver em Obras Póstumas, Kardec recebeu dos Espíritos Superiores este aviso:

"Chegou a hora de a Igreja prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim do estado de incredulidade a que conduziu os espíritos." Esse julgamento começava com a preliminar constituída pelo O Evangelho Segundo o Espiritismo e devia continuar com O Céu e o Inferno.

Dentro de dois anos, em seu número de setembro de 1865, a Revista Espírita publicaria em sua secção bibliográfica a notícia do lançamento do quarto livro de Codificação Espírita: O Céu e o Inferno. Faltava apenas A Gênese para completar a obra da Codificação da III Revelação.

Dois capítulos de O Céu e o Inferno foram publicados antecipadamente na Revista: o capítulo intitulado Da Apreensão da Morte, vigorosa peça de acusação, no número de janeiro de 1865, e o capítulo Onde é o Céu, no número de março do mesmo ano. Apareceram ambos como se fossem simples artigos para a Revista, mas o último trazia uma nota final anunciando que ambos pertenciam a uma "nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente" .

Em setembro a obra já aparece anunciada como à venda. Kardec declara que, não podendo elogiá-la nem criticá-la, a Revista se limitava a publicar um resumo do seu prefácio, revelando o seu conteúdo.

Os capítulos antecipadamente publicados aparecem, o primeiro com o mesmo título com que saíra e o segundo com o título reduzido para O Céu.

Estava dado o golpe de misericórdia nos dogmas fundamentais da teologia do cristianismo formalista, tipo inegável de sincretismo religioso com que o Cristianismo verdadeiro, essencial e não formal, conseguira penetrar na massa impura do mundo e levedá-la à custa de enormes sacrifícios. Kardec reafirma o caráter científico do Espiritismo. Como ciência de observação a nova doutrina enfrenta o problema das penas e recompensas futuras à luz da História, estabelecendo comparações entre as idealizações do céu e do inferno nas religiões anteriores e nas religiões cristãs, revelando as raízes históricas, antropológicas, sociológicas e psicológicas dessas idealizações e denunciando os absurdos a que chegara a imaginação teológica na formulação dos dogmas cristãos.

O capítulo primeiro de O Céu e o Inferno intitula-se O Futuro e o Nada. Esse título coloca o leitor em face das duas alternativas fundamentais do espírito. Kardec se revela ao mesmo tempo cartesiano e shakespeariano. É cartesiano quando propõe esta premissa lógica, de agudo realismo: Vivemos, pensamos, agimos; isto é positivo; não é menos certo que morremos. É shakespeariano quando evoca o dilema: Ser ou não ser, e eis a alternativa. Mas ao mesmo tempo se opõe, com a antecedência de mais de um século, à tese do nada que surgirá ali mesmo, na França, com a filosofia existencial de Jean-Paul Sartre, o teórico da frustração e da nadação do homem.

O que mais impressiona neste processo jurídico é a objetividade da acusação. Não estamos diante de um tribunal romano, onde as normas do Direito se subordinam às exigências imediatistas do Império, mas perante um tribunal grego do mundo socrático, onde o juiz implacável pergunta a todo instante: o que é isso? e exige definição precisa segundo as leis da maiêutica. Estas comparações não são retóricas, são simplesmente históricas. O processo lógico de Kardec segue as linhas dialéticas da busca socrática da verdade, segundo a exposição platônica. O juiz que pontifica neste tribunal não enverga a toga impura de Anito, mas a túnica de Platão.

A comparação do inferno pagão com o inferno cristão é um dos mais eficazes trabalhos de mitologia comparada que se conhece. A mitologia cristã se revela mais grosseira e cruel que a pagã.

Bastaria isso para justificar o Renascimento. O mergulho da humanidade no sorvedouro medieval levou a natureza humana a um retrocesso histórico só comparável ao do nazismo em nosso tempo. Os intelectuais materialistas assustaram-se com o retrocesso do homem nos anos 40 do nosso século e puseram em dúvida a teoria da evolução. Se houvessem lido este livro de Kardec saberiam que a evolução não se processa em linha reta, mas em ascensão espiralada. Os teólogos medievais estavam racional e moralmente atrasados em relação aos teólogos gregos porque representavam uma vasta camada de população ainda não atingida pelas luzes da cultura helênica. A evolução do homem na Terra está sujeita às vicissitudes da superposição periódica de camadas populacionais inferiores que precisam aflorar na superfície cultural para se beneficiarem. A queda do Império Romano foi um momento de superposição dos bárbaros, que precisavam abeberar-se na cultura clássica. No episódio aparentemente inexplicável do nazi-fascismo tivemos um novo afloramento dos instintos bestiais do homem.

Esses instintos ainda estão presentes em nosso mundo de após nazismo, mas vão sendo caldeados na ebulição cultural dos nossos dias. Nenhuma imagem explicaria melhor essa situação que a do caldeirão medieval, formulada por Wilhelm Dilthey.

Vemos assim que este livro de Kardec tem muito para ensinar, não só aos espíritas, mas também aos luminares da inteligência neo-pagã que perdem o seu tempo combatendo o Espiritismo, como gregos e romanos combateram inutilmente o Cristianismo. O processo espírita se desenvolve na linha de seqüência do processo cristão. A conversão do mundo ainda não se completou. Cabe ao Espiritismo dar-lhe a última demão, como desenvolvimento natural, histórico e profético do Cristianismo em nosso tempo. A leitura e o estudo sistemático deste livro se impõem a espíritas e não-espíritas, a todos os que realmente desejam compreender o sentido da vida humana na Terra.

Mesmo entre os espíritas este livro é quase desconhecido. A maioria dos que o conhecem nunca se inteirou do seu verdadeiro significado. Kardec nos dá nas suas páginas o balanço da evolução moral e espiritual da humanidade terrena até os nossos dias. Mas ao mesmo tempo estabelece as coordenadas da evolução futura. As penas e recompensas de após morte saem do plano obscuro das superstições e do misticismo dogmático para a luz viva da análise racional e da pesquisa científica. É evidente que essa pesquisa não pode seguir o método das ciências de mensuração, pois o seu objeto não é material, mas segue rigorosamente as exigências do espírito científico moderno e contemporâneo. O grave problema da continuidade da vida após a morte despe-se dos aparatos mitológicos para mostrar-se com a nudez da verdade à luz da razão esclarecida.

Como ciência de observação o Espiritismo nos oferece a análise de Kardec na primeira parte do volume. Como ciência de pesquisa nos oferece a segunda parte, em que vemos Kardec investigar objetivamente a situação dos espíritos após a morte.

Como ele acentua incessantemente, as penas e recompensas, que são as consequências naturais do comportamento humano na Terra, não aparecem aqui como alegorias ou suposições elaboradas pela mente, mas como o resultado da pesquisa mediúnica, da investigação direta da situação dos espíritos através de suas próprias revelações. E essas revelações não são gratuitas nem colhidas ao acaso, mas provocadas pelo experimentador através de anos de trabalho árduo e paciente. Mais de um século depois de realizado, esse trabalho é hoje sancionado pelas investigações recentes, não só no meio espírita mas também no campo das investigações parapsíquicas.

A imparcialidade de Kardec e o seu amor pela pesquisa, a sua confiança na eficiência da investigação científica transparecem a cada instante. Charles Richet teve razão ao reconhecer a vocação científica do Codificador do Espiritismo. Dando ao inferno e ao céu os seus contornos reais, com base nos resultados de sua investigação, Kardec não repudia o dogma do purgatório, o mais suspeito da estrutura teológica arbitrária porque introduzido tardiamente no sistema dogmático católico, mas aceita-o e justifica-o. O purgatório é a Terra, o lugar determinado e circunscrito em que purgamos as nossas imperfeições, encarnados ou desencarnados.

A doutrina teológica dos anjos e demônios é submetida também à prova dupla da análise racional e da pesquisa científica. A conclusão é límpida e certa: somos demônios quando estamos saindo da animalidade para a espiritualização e somos anjos quando estamos saindo da humanidade para a angelitude. Mas isso não é uma ideia, uma hipótese, o produto de uma elucubração mental ou de uma interpretação arbitrária de textos sagrados. É o resultado da observação e da pesquisa. Milhares de criaturas espirituais observadas, interrogadas, submetidas à experiência mediúnica forneceram os tipos psicológicos e morais da escala espírita, numa verdadeira classificação psíquica aplicável não só aos espíritos, mas também à tipologia humana.

A importância deste livro é maior do que realmente se pensa. No tocante à Teologia, como procuramos demonstrar em várias notas ao texto, O Céu e o Inferno antecipou de mais de um século as transformações que ora se operam no seio das várias igrejas. Se os teólogos, que pretendem ser homens mais do que homens, como Descartes os classificou, pudessem ter a humildade suficiente para consultá-lo, encontrariam nestas páginas a solução dos seus mais angustiantes problemas.

J. Herculano Pires (São Paulo, 30 de julho de 1973)

Fonte: Introdução tradução de O Céu e O Inferno

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Rótulos e Máscaras

Estudar o Espiritismo é algo sublime, capaz de transformar-nos a maneira de pensar e agir em relação a pessoas, situações e de um modo geral, com a própria Vida. Mas estudar o Espiritismo ainda requer estudo, por mais redundante que seja, de tão óbvio.

Houve uma época em que a produção literária espiritual, preenchia lacunas significativas, quanto às interpretações daquilo que a Doutrina Espírita revelou. Além do trabalho magistral de Allan Kardec, muitas pesquisas e estudos foram compreendidos com o objetivo de pontos claros e ampliar entendimentos que o Espiritismo, por meio dos Espíritos Superiores, lançou luz.

Pesquisadores e pensadores espíritas teceram obras fenomenais, tanto pela forma, como pela profundidade do seu conteúdo. A cada nova interpretação e a cada novo entendimento, uma avalanche de livros era produzida tentando explicar e fazer luzir algum ângulo até então abordado de uma maneira diferente.

Essa diversidade fez com que o espírito tivesse, em suas mãos, um leque extenso de opções para seu estudo, que o movimento espírita convencionou “fragmentar” e rotular em trabalhos de cunho religioso, científico e filosófico. A crítica ao rótulo não é gratuita. Foi um recurso didático utilizado para conseguir melhor transmitir os ensinamentos dos espíritos. Entretanto, após mais de meio século de divulgação do Espiritismo nos moldes atuais, adotados pela esmagadora maioria das casas espíritas que possuem ciclos de estudos, estudos sistematizados, etc., percebe-se, mesmo sem método ou instrumento científico mais adequado, que o estudo do espiritismo ficou mascarado.

A fragmentação, por exemplo, é duramente criticada pelo educador Edgar Morin, quando diz que o retalhamento das disciplinas, torna impossível apreender “aquilo que é tecido junto”. Por que estudar “ciência, filosofia e religião”, quando o que deveríamos estudar é a “Doutrina Espírita”? Será que o “aspecto tríplice” da doutrina poderá explicar a complexidade do que o Espiritismo aborda? Quando dizemos Doutrina Espírita, aplicamos um “zoom” que evidencia as interrelações entre os conhecimentos (“tecido junto”), deixando claro que há mais do que um aspecto tríplice. No entanto, a aplicação do conteúdo fica a cargo do expositor, que pode abordar assim ou não.

Talvez – e esse é outro ponto da nossa reflexão –, quando iniciaram os estudos, no início do século XX, traduzir o pensamento das obras de Kardec, comportava um nível de abordagem que preservasse muito mais o entendimento e a interpretação, no sentido de “simplificar”, do que de ampliar considerações sobre aprendizado em relação a outros temas do cotidiano.



Isso muda quando Dr. , inferências, etc., todas válidas no campo da exposição de ideias –, que poderiam agradar ou não espíritas e não espíritas.

O movimento espírita – não o movimento de unificação, que não unifica nem entre eles – tem sido convidado a reverter a eficácia e os objetivos de aprendizagem, conseqüentemente, das atividades doutrinárias da casa espírita. Será que ainda buscamos “unanimidade” ou aprender com a diversidade nas casas espíritas?

Unanimidade é utopia no mundo atual, beirando a atrofia. Convergências de entendimento, ainda que existam diferenças na construção do conhecimento, são desejáveis. Veja um exemplo: **“se dou comida aos pobres, todos me chamam de santo. Mas quando pergunto por que são pobres, chamam-me de comunista.”** Essa frase de Dom Helder Câmara ilustra a diferença de pensamentos e sua complexidade. Tentar simplificar, rotular. Explicar: mascara porque evidência apenas a compreensão daquela que está expondo o pensamento. Na complexidade do mundo atual, percebe-se que há muito conhecimento e informação entre os extremos para que se tome uma decisão simplista.

Nesse sentido, sabendo que as necessidades humanas estão cada vez mais globais, complexas e com níveis de exigências dantes apresentados, um leigo, neófito, apenas curioso, que enfrenta críticas, se expõe, tendo apenas como instrumentos diminuta experiência e uma privacidade pessoal, não tem alcance e nem competência para empunhar bandeira que não seja aquela de provocar, estimular e refletir sobre o que vimos, vívido e aprendido na Doutrina Espírita.

Desconstruir rótulos começa com a revisão do próprio papel de divulgar o espiritismo. Está faltando amor, benevolência, simplicidade.

Simplicidade é diferente de simplismo. Com as redes sociais, reduzimos as discussões a críticas contumazes, sem ao menos apresentar argumentos. Quando as questões apontam para o “comportamento”, alguém se manifesta contrário, lamentando que a discussão “sempre” redunde em questões comportamentais. Todo aprendizado religioso, moral, filosófico, de alguma forma relacionado ao comportamento. Circulou vídeo no Whatsapp do Padre Fabio de Melo falando sobre a “quaresma”. Em linhas gerais, o convite dele é para que o católico substitua a abstinência por comida e bebida, por melhorias no comportamento. Qual o problema do espírito de hoje em que você entende isso?

Resgatamos a linha mestra que nos vincula aos primeiros cristãos, aqueles que sentiram o perfume da presença do Mestre, seguiram seus passos, sonharam com suas prédicas, viam conexões de Suas parábolas com os desafios do cotidiano. Resgatar a alegria de servir, a beleza de amar desinteressadamente, de auxiliar o próximo, mais próximo, a partir de uma renovação interior, capaz de nos mostrar a grandeza da vida e seu aprendizado.

Que as dificuldades do caminho não nos paralisem os gestos nobres. Que o desejo de servir seja maior do que os rótulos e máscaras que existem no caminho. E que a presença do Cristo seja constante em nossas vidas, hoje e sempre.

Vladimir Alexei

Fonte: redeamigoespirita.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Uma Perigosa Obsessão

Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas. (Mt 10:16)

Allan Kardec classificou o fenômeno obsessivo em três níveis: o menos danoso, que é a obsessão simples; a fascinação, que prejudica bastante o fascinado; e o grau maior, que é a subjugação completa da infeliz vítima.¹ No presente artigo, nossas considerações focam na análise da categoria obsessiva por ele nomeada de “fascinação” sob nova perspectiva, enveredando por caminhos ainda mais tortuosos. Considerada por Kardec como grau mediano de perturbação, a fascinação, porém, em certas circunstâncias, pode atingir altos níveis de distúrbio e desequilíbrios gerais. Trata-se da fascinação coletiva, que não envolve apenas um indivíduo, mas sim, uma coletividade humana.



No decorrer da história da Humanidade, verificaram-se períodos em que turbas seduzidas por ideologias nefastas praticaram atos desprezíveis, causando medo e pavor às vítimas contrárias às suas ideias. A chamada Santa Inquisição, deflagrada pela Igreja Católica nos períodos medievais, foi uma nefasta ideologia de superioridade da Cúria Romana de horrendas conseqüências, ao ponto de fazer com que piadas autoridades religiosas, do papa ao mais singelo pároco de aldeia, praticassem atos ignóbeis e anticristãos nunca antes perpetrados em ambientes sacerdotais.

No Brasil, estranho e criminoso fato, típico de uma obsessão por fascinação coletiva, assolou a colônia de imigrantes japoneses no estado de São Paulo.² Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos aliados contra o nomeado “Eixo” – composto pela Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão imperialista –, surgiu, em São Paulo, uma organização secreta japonesa, a Shindo Renmei, ou Liga dos Caminhos dos Súditos.

Seus fanáticos seguidores, aguerridos cultores da divinização do Imperador Hiroito, alegavam que a rendição de seu amado Imperador aos americanos, ocorrida em 2 de setembro de 1945, fartamente documentada à época, teria sido uma escandalosa fraude. Em consequência dessa falsa ideia e utilizando recursos de deturpação e adulteração das notícias da guerra que a imprensa publicava, convenceram milhares de imigrantes, conhecidos por kachigumi, a não aceitarem a derrota. Aqueles que não concordaram com este posicionamento, os makegumi, ou derrotistas, também alcunhados de “Corações Sujos”, tinham suas residências invadidas e depredadas. No período de 1946 a 1947, os tokkotai (matadores) levaram à morte 23 imigrantes e deixaram centenas de feridos. Milhares de kachigumis foram presos e deportados, encerrando este triste episódio e sepultando o fanatismo ideológico da superioridade do império japonês.

Refletindo acerca da polarização ideológica, disseminada em vários setores da sociedade atual, permitimo-nos uma análise mais acurada dos fatores psíquicos e emocionais propiciadores dos radicais posicionamentos de alguns partidários que se digladiam em exacerbado antagonismo. Não faz tanto tempo, a comunidade científica norte-americana deu relevante destaque ao trabalho do ilustre psicólogo social Leon Festinger, que abordou a questão em análise com o título, aqui simplificado de “When prophecy fails” (Quando a profecia falha).³ Em seu aplaudido tratado científico, publicado em 1956, Festinger e mais dois colegas aprofundaram pesquisas de campo acerca de uma comunidade religiosa da cidade de Chicago, com milhares de adeptos, denominada “Flying saucer contactee” (Contatos com discos voadores), chefiada por Mrs. Dorothy Martin. Essa prosaica dona de casa americana dizia receber mensagens “mediúnicas” dos space brothers (irmãos do espaço), dizendo que aconteceria uma inundação em 21 de dezembro daquele ano, 1954, que partiria os Estados Unidos em dois e mataria milhões de habitantes. Segundo afirmava, ela e os demais participantes da seita foram escolhidos para alertar o mundo e se preparar para serem abduzidos por discos voadores que os conduziriam a local seguro, um verdadeiro Éden. Leon Festinger e vários colegas psicólogos se infiltraram no grupo para estudar os efeitos psicológicos da profecia nos apoiadores, caso ela não viesse a se concretizar. Se a profecia falhasse, eles abandonariam suas crenças? Era a grande incógnita. Empolgados e amedrontados com o que poderia acontecer, muitos crentes abandonaram seus empregos, seus estudos, doaram seus bens para a aludida seita, e puseram fim aos seus relacionamentos com aqueles que não eram adeptos daquela grei. Como o dilúvio não aconteceu e nenhum disco voador apareceu, teoricamente, a Sra. Dorothy deveria ser desacreditada e prontamente desmascarada. Ao contrário do que racionalmente se supunha, salvo uma minoria, os crentes foram tomados de júbilo, e se tornaram ainda mais fiéis, porque ela afirmou que o mundo foi poupado como prêmio pela confiança deles e pelo simples fato de eles, os partidários da seita, existirem.

Segundo o estudioso, Festinger, “a dor emocional de admitir o erro seria tão elevada para aqueles que tinham alterado de forma tão substancial suas vidas que seria menos oneroso, emocionalmente, continuar acreditando nos princípios errados daquela seita”. Coroando seu trabalho, Leon Festinger então cunhou o termo “dissonância cognitiva” para este tipo de reação, explicando que esta inconsistência se trata de um viés cognitivo que leva as pessoas a procurarem algum tipo de coerência em suas crenças e ideologias, embora a realidade as desmintam constantemente com fatos concretos.

Giuliano da Empoli, ensaísta político, jornalista e romancista italiano, em seu atualíssimo livro Os engenheiros do caos, editado em 2019, faz um estudo bem mais moderno deste tipo de obsessão por fascinação coletiva, no qual aborda, com propriedade, as inquietantes novidades das chamadas “fake news”, das “teorias da conspiração”, dos algoritmos e da forma como estas novidades estão sendo utilizadas para disseminar ódio, medo e influenciar eleições em todos os continentes.⁴

Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos “engenheiros do caos” os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela leve em conta as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores.

Vale a pena recordar curiosa frase atribuída a Mark Twain, consagrado escritor norte americano, que, em um laivo de inspiração, ainda no século XIX, teria vislumbrado a modernidade da vida on-line, afirmando que “uma mentira pode dar volta ao mundo, enquanto a verdade leva o mesmo tempo para calçar os sapatos”.

A obsessão por fascinação, estudada por Allan Kardec, se ateve a um processo individual de obsessão. Nada obsta de aplicar-se, por analogia, a comprovação kardequiana aos movimentos atuais de fascinação coletiva. Durante o período de pré-eleições, em nosso país, amizades foram destruídas e famílias se contenderam em defesa de suas ideologias e opções partidárias. Nem mesmo o Movimento Espírita ficou imune às investidas trevosas que tudo fizeram para fracionar e romper os laços de unidade e bom senso que caracterizam a Doutrina. Conhecidos médiuns, ainda que bem poucos, vieram a público para expressar suas convicções políticas, escorregando facilmente na “casca de banana” da opção partidária, totalmente contrária à recomendação de André Luiz, que, no livro Conduta espírita, orienta-nos a distanciar do partidarismo extremado, deixando claro que “paixão em campo, sombra em torno”.⁵

Percebeu-se que Espíritos alheios ao bem concentraram suas maléficas insinuações nos grupos de WhatsApp dos centros espíritas, grupos estes que se tornaram, após a pandemia de Covid-19, uma extensão virtual da instituição e da tribuna espíritas. Alguns, repetimos, ainda que bem poucos, mesmo com os reiterados alertas dos administradores, lá tiveram a infeliz oportunidade de provocar cisões e acaloradas discussões entre participantes invigilantes, fascinados que estavam não só pelas ideologias, mas também por aqueles que as representavam.

Cotando o venerável Codificador em “O Livro dos Médiuns”,⁶ observa-se que:

O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula.

Kardec deixa claro que a fascinação pode envolver pessoas de quaisquer níveis sociomoral e intelectual quando afirma que:

Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Concluindo nossas reflexões, cabe enfatizar que a Doutrina Espírita é rica em orientações para a busca de recursos profiláticos contra as obsessões. Igualmente Jesus, na máxima “vigiai e orai para não cairdes em tentação” (Mt 26:41), nos apresenta estes dois pilares de sustentação de nossa agudeza mental – vigilância e oração –, para não sucumbirmos às fascinações deletérias das ideologias de plantão.

Ademais, podemos nos escorar em métodos modernos de relacionamentos saudáveis como a comunicação não violenta, criada pelo psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg e baseada na capacidade de ouvir as opiniões dos outros sem julgamentos prévios.⁷ Afinal, o ponto de vista do outro não é nosso adversário, mas pode somar-se ao nosso para alcançarmos uma fatia maior de lucidez de raciocínio.

Quanto ao radicalismo de opiniões, convém lembrar sempre o discreto posicionamento de Jesus, que, ao ser inquirido pelo governador da Galileia sobre o que é a verdade, simplesmente manteve-se em sagrado e honroso silêncio (Jó 18:38).

¹KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Rio de Janeiro: FEB, 2008, c. XXIII.

¹MORAIS, Fernando. Corações sujos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³FESTINGER, Leon. Teoria da dissonância cognitiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

¹⁴EMPOLI, Giuliano Da. Os engenheiros do caos. 1ª ed., São Paulo: Vestígio, 2022, p. 20.

⁵VIEIRA, Waldo. Conduta espírita. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. X.

⁶KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Rio de Janeiro: FEB, 2008, c. XXIII, i. 239.

⁷ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

Fonte: omedium.amejf.org.br/

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Inferno (?)

**"Mas uma voz me disse: O Céu e o Inferno estão em ti mesmo".
Omar Kháyyám**

Segundo o dogma do pecado original, todos os homens, manchados pela culpa de Adão, estariam virtualmente condenados às penas eternas, não fora a Misericórdia Divina haver-lhes facilitado um meio de salvação: o holocausto do filho de Deus feito homem, para redenção de salvação quantos foram elei-



- Que pensar – indaga com razão E. Bellamare – de um juiz que condenou um homem sob o pretexto de que, milhares de anos, um seu antepassado cometeu um crime?

“Se o sacrifício de Jesus fosse necessário para salvar a humanidade terrestre, Deus deveria o mesmo socorro a outras humanidades infelizes. Sendo, porém, ilimitado o número de mundos inferiores em que dominam as paixões materiais, o filho de Deus seria, por isso mesmo, condenado a sofrimentos e sacrifícios infinitos. É inadmissível situações semelhantes”.
Cristianismo e Espiritismo – Léon Denis

O dogma das penas eternas e o pecado original se entrelaçam, guardando entre si estreitas relações de causa e efeito. Um já condenado, Satã, disfarçando-se em serpente, induz a primeira mulher ao pecado e a culpa de Eva contaminará todas as futuras gerações, per omnia saecula saeculorum. E como não são muitos os favorecidos pelo “estado de graça”, espaço nos departamentos do inferno...

Acreditava-se antigamente que a Terra era o centro do Universo e que o firmamento formava uma abóbada na qual se incrustavam as estrelas, ficando o Céu situado no alto e o Inferno abaixo.

Mas Copérnico demonstrou o duplo movimento dos planetas sobre si mesmos e à volta do Sol; e Galileu, seguindo-lhe as pegadas, proclamou a teoria heliocêntrica do Universo. Provou-se ser errônea a idéia de subir ao Céu ou de descer aos infernos. Evidenciou-se que, devido ao movimento de rotação da Terra, há lugares antípodas a se alternarem permanentemente de posição, e que, sendo infinito o espaço, não pode haver alto nem baixo no Universo.

Contudo, por mais estranho que pareça, ainda hoje, no século da cibernética e das viagens pelo Cosmo, há certas religiões que continuarão querendo demonstrar o indemonstrável: a existência do inferno.

Não é fora de propósito, por conseguinte, alinharmos algumas considerações nossas e alheias, acerca do velho assunto que de há muito já desviou ter saído de pauta.

Vale repetir a frase de Denis :

- Admitir Satanás e o inferno eterno é insultar a Divindade.

Efetivamente. Deus, onisciente que é, conhece todo o passado e antevê o futuro. Ao criar uma alma, deve saber se ela deve cometer faltas graves. E, se tendo conhecimento antecipado dessas faltas, condena a alma ao sofrimento eterno, o Criador deixa de ser bom e justo.

Outro aspecto a considerar, na lúcida explicação de Kardec :

“Se Deus é inexorável para o culpado que se arrepende, não é misericordioso, deixa de ser infinitamente bom. E porque daria Deus aos homens uma lei de perdão, se Ele próprio não perdoasse? Resultaria daí que o homem que perdoa aos seus inimigos e eles retribui o mal com o bem, seria melhor que Deus, surdo ao dos arrependimentos que O ofendem, negando-lhes por todo o sempre o mais ligeiro carinho”.

“Achando-se em toda parte e tudo vendo, Deus deve ver também as torturas dos condenados; e se Ele se conservar insensível aos gemidos por toda a eternidade, será eternamente impiedoso; ora, sem piedade, não há espera infinita”.

O Céu e o Inferno – Capítulo VI

Afirma Bernardo Bartmann , em sua Teologia Dogmática, que “ o fogo do inferno, em si, na sua natureza é semelhante ao fogo terrestre, mas dotado de propriedades particulares: não necessita ser aceso e alimentado” .

Santo Agostinho imagina um quadro pavoroso: num verdadeiro lago de enxofre, vermes e serpentes saciando-se nos corpos, conjugando suas picadas com as do fogo. Esse fogo, não entende de conceituados teólogos, queima sem destruir, penetrando a pele dos condenados, bem como embebendo e saturando-lhes todos os membros, medula dos ossos, pupila dos olhos, enfim, as mais reconditas fibras do seu ser.

O piedoso Doutor Angélico S. Tomás de Aquino , dá-nos ciência de que os bem-aventurados, ao contemplar as torturas dos condenados, “não somente serão insensíveis à dor, mas até repletos de alegria e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistida à inefável calamidade dos ímpios” .

Como conceber-se – nos objetamos, tanto gozo da parte de uma mãe amorosa ou dum pai extremoso que, das beatíficas regiões celestes, observamos, impassíveis, os ingentes sofrimentos do filho querido que foi dar com os costados no inferno?

Puro sadismo angelical, o que é uma contradição nos termos.

À vista de tanta insensatez e de tanto despautério, surge como um bálsamo a palavra sensata de um pastor evangélico, o reverendo Doutor Charles R. Brown , da Igreja Congregacionalista de Oakland e decano da Universidade de Yale:

“Hoje o Universalismo ensina que todos os homens colhem o que semeiam, segundo uma Justiça que não falha. Todo erro será castigado ou aqui ou além, mas sempre com o fim de corrigir o malfeitor. O inferno não é um lugar de publicação eterna e de desespero: é mais uma escola de reforma”.

Aureliano Alves Netto

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Se você nunca se habilitar a escolher o próprio caminho, será difícil compreender que a estrada dos outros poderá ser muito diferente da sua.

Geralmente nos envolvemos com uma explicação do mundo qualquer, ou com alguma religião, e tentamos nos acomodar às suas propostas, aos seus princípios – até libertadores em muitos casos – mas, se o ser humano segue a vida sem a percepção da própria existência não deve contar com grandes progressos em seu crescimento espiritual.

Por outro lado, filósofos afirmam que a existência é o ser do homem, que a essência humana é existência, e que existir é ser-responsável em vista da própria finitude!

Mas, se não compreendo o que é a existência como vou entender seus desdobramentos relacionados à continuidade da vida após a morte?

Quando meditamos acerca das razões de não conseguirmos seguir com nossas vidas libertos da vontade doentia de interferir na dos outros, ou quando refletimos sobre o desejo incontrolável que nos habita de determinar sem autorização, sem direito algum o que os outros têm de fazer ou não em seus próprios caminhos - a hipótese de que tudo isso tenha a ver com a incapacidade de percepção da própria existência não deve ser descartada.

Mas, Tarquínio, o fato é que a vida segue adiante na espiritualidade, de vez que não começou no berço e tampouco terminará no túmulo.

Apesar disso, afirmo que essa verdade não elimina a necessidade de percepção da existência. A bem dizer há no fundo disso tudo uma contradição extremamente sutil.

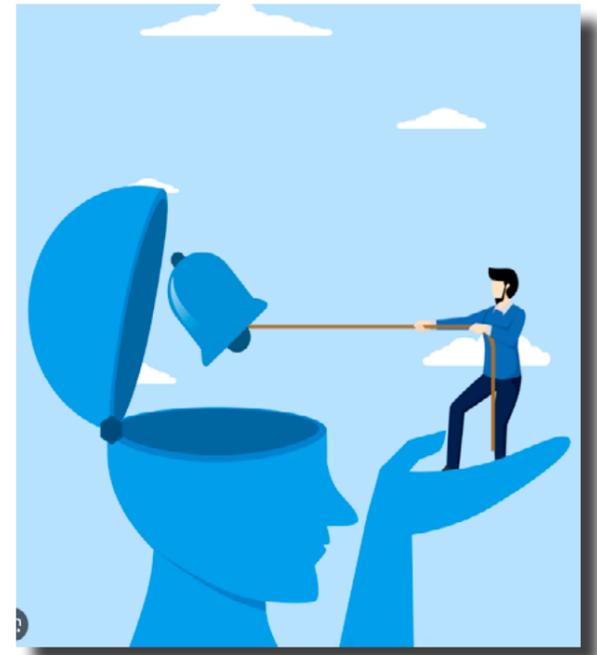
Cair em si despertando para a existência que se é, entre muitas coisas, significa: conscientizar-se da própria situação de ser-finito, conhecer por intuição a própria finitude que caracteriza essencialmente o que somos, haja vista que somente assim nos tornamos capazes de captar o teor eterno que nos constitui enquanto alma.

Para Heidegger – ao menos para o primeiro Heidegger – o ser-para-morte é a substância do ser humano. No entanto, o ser humano moderno falha em notar a existência, e apegado a tudo e a todos sonha com o prolongamento indefinido de sua permanência na terra, ou seja, abrir-se para a compreensão da existência é o que permite ao homem entrever, talvez até divisar seu ser espiritual imorredouro.

Antonio Carlos Tarquínio

Fonte: espiritaonline.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar.

Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Roteiro para Evangelho no Lar:

<https://www.geedem.org.br/evangelho-no-lar>

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBibNwvcF6UmbKaPwyJ9BCGFvi3C_a

O papel da Evangelização Espírita na Formação do Ser

"Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas" - Jesus (Mateus 19:14).

Do ponto de vista espírita, a educação não começa no berço nem termina no túmulo, mas antecede o nascimento e sucede à morte do corpo físico. Sabemos que o Espírito é milenar e traz para a atual encarnação sua bagagem de experiências de vidas passadas, com suas tendências morais tanto positivas quanto negativas, podendo ser essas trabalhadas durante o processo educacional, seja no lar pelos pais ou na escola pelos educadores. E cabe aos pais o dever de passar os princípios e valores aos seus filhos, amparando-os e conduzindo-os nas diretrizes cristãs. Por ser Jesus nosso guia e modelo, seu Evangelho constitui rota segura a ser seguida para a formação de hábitos voltados ao bem e à implantação da paz.



Segundo Emmanuel no livro O Consolador, questão 109, até os sete anos de idade, o Espírito reencarnado se encontra em fase de adaptação à nova vida, e, por não existir uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica, é uma individualidade extremamente suscetível de receber as influências exteriores, a fim de consolidar os princípios renovadores para trilhar um caminho novo na vida. (Silveira, 2017, on-line)

De acordo com a questão 385 de O Livro dos Espíritos: “Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?”

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era. Não conheceis o que a inocência das crianças oculta. Não sabeis o que elas são, nem o que foram, nem o que serão. Contudo, afeição lhes tendes, as acaricias, como se fossem parcelas de vós mesmos, a tal ponto que se considera o amor que uma mãe consagra a seus filhos como o maior amor que um ser possa votar a outro. Donde nasce o meigo afeto, a terna benevolência que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabeis? Não. Pois bem! Vou explicá-lo.

As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes Ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.

Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos” (KARDEC, 2022, p. 169).

Após esse período de 7 anos, com o processo reencarnatório consolidado, fica mais difícil à criança e ao jovem assimilar os ensinamentos repassados pelos pais, exigindo destes um esforço maior, paciência e muito amor para que o processo educacional seja efetivo e tenha êxito.

A mudança que se opera nas crianças ao alcançarem a maturidade dos corpos vem da sua liberdade de expressar o que são. Ao se ajustarem mais os laços da reencarnação, a alma fica mais consciente do seu estado espiritual, e passa a ser o que realmente é.

O Espírito tem necessidade de voltar ao corpo quando precisa reparar suas faltas, ou quando a Lei o induz para o devido despertar espiritual, e é nesse reingresso na carne que Deus lhes dá a capa de inocência. Desta forma, receberá desde o princípio da sua nova existência certa dose de carinho, por ser sua presença uma flor que desabrocha, sorrindo para a vida. Se esse Espírito expressasse imediatamente o que ele é, talvez suscitasse nos próprios pais antipatia, vibrando neles o magnetismo que caracteriza sua presença. Mas Deus, como é sábio e justo, dá-lhe uma candura suficiente para que sobre ele os olhos recaiam com amor, cobrindo-o de toda a proteção.

As mudanças nas criaturas são gradativas; essa é a ação das Leis de Amor, derramando sobre elas a misericórdia no sentido de que sustentem uma posição melhorada na sua existência que começa. Se essas crianças ficassem no mundo espiritual, esquecendo a reencarnação, seriam necessárias certas imposições, drásticas demais para seu tamanho, no sentido de corrigi-las. Mas a bondade mostra o amor do Pai Celestial nos dando oportunidades melhores para o prosseguimento do nosso despertar. (MAIA, 1989, p.57)

A criança não é um "adulto miniaturizado", nem uma "cera plástica", facilmente moldável. Trata-se de um Espírito em recomeço, momentaneamente em esquecimento das realizações positivas e negativas que traz das vidas pretéritas, empenhado na conquista da felicidade. Redescobrimo o mundo e se reidentificando, tende a repetir atitudes e atividades familiares em que se comprazia antes, ou através das quais sucumbiu.

Tendências, aptidões, percepções são lembranças evocadas inconscientemente, que renascem em forma de impressões atraentes, dominantes, assim como limitações, repulsas, frustrações, agressividade e psicoses constituem impositivos constritores ou restritivos, não poucas vezes dolorosos, de que se utilizam as Leis Divinas para corrigir e disciplinar o rebelde que, apesar da manifestação física em período infantil, é Espírito relapso, mais de uma vez acumpliciado com o erro, a ele fortemente vinculado, em fracasso morais sucessivos. (FRANCO, 2002, p.84)

Uma das atividades oferecidas na Casa Espírita é a Evangelização infanto-juvenil. Normalmente concomitante às palestras endereçadas aos adultos, as crianças e jovens têm como excelente opção assistirem as aulas sobre o Evangelho de Jesus na visão espírita. Cada Centro Espírita ministra essa atividade orientada pelas diretrizes da Federação Espírita Brasileira de modo a embasar o conteúdo a ser repassado às crianças.

Levando em conta as profundas transformações sociais que o mundo vem atravessando a Evangelização Espírita é uma ferramenta de suma importância na formação do ser no aspecto moral e espiritual. Paralelamente com a educação formal e com os princípios e valores aprendidos no lar, a criança e o jovem ao se afinarem e familiarizarem com os ensinamentos deixados pelo Cristo, baseados no amor ao próximo e a si mesmo, apresentam maior preparo para os revezes e obstáculos perante a vida.

O Centro Espírita, consciente de sua missão, deve envidar todos os esforços, não só para a criação das Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil como para seu pleno funcionamento, considerando a sua importância em termos da formação moral das novas gerações e da preparação dos futuros obreiros da Casa e do Movimento Espíritas.

Como objetivos da evangelização podemos citar:

» **Promover a integração do evangelizando: consigo mesmo; com o próximo e com Deus.**

» **Proporcionar ao evangelizando o estudo: da lei natural que rege o Universo; da "natureza, origem e destino dos Espíritos bem como de suas relações com o mundo corporal."**

» **Oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como: Homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo, agente de transformação de seu meio. (FEB, 1987, on-line)**

» **Respeito às diferenças, valorização da vida, consideração pelo outro, compaixão e cooperação social são alguns exemplos de temas a serem trabalhados durante as aulas de Evangelização. Por meio de exemplos retirados do Evangelho e do cotidiano das crianças e jovens, numa linguagem lúdica e criativa, eles vão assimilando os conteúdos com mais facilidade e, o mais importante de tudo, deixando-se cativar e sensibilizar pelas belas e profundas mensagens de Jesus.**

Daí a importância do papel do evangelizador espírita que deve estar convicto na eficácia da educação como instrumento libertador, ainda que as condições físicas, emocionais, sentimentais ou psicológicas do educando estejam provisoriamente frágeis. Por meio do esforço amoroso, o evangelizador deve entender que o crescimento individual é gradativo e estar convicto de que o educando Espírito imortal e filho da Divindade possui a capacidade de superar-se na trilha da própria ascensão.

Além disso, o estudo da Doutrina Espírita por meio da leitura segura das obras básicas e das obras subsidiárias deve constituir roteiro seguro para aquele que se dispõe a ser educador de almas. (FARIAS, 2012, p.23-24).

Para que a Humanidade alcance melhor patamar evolutivo, a educação deve associar inteligência e moralidade. Moralidade que extrapola teologias, normas e dogmas religiosos, por se fundamentar na prática do bem, que analisa de forma reflexiva as consequências das próprias ações individuais e que adota como regra universal de convivência a milenar orientação recordada por Jesus: "Fazer ao outro o que gostaria que o outro nos fizesse". (MOURA, 2014, on-line)

O Espiritismo pode iluminar a Educação com uma filosofia que transpõe os imediatismos, que transcende a todos os limites, que descortina os mais amplos horizontes, que atende aos mais nobres interesses, e que se reveste de um ideal capaz de impulsionar o verdadeiro progresso. (FEB, 1987, on-line)

A educação, quando levar em consideração o ser humano de maneira integral, em seu aspecto intelecto-moral-espiritual, viabilizando a transformação íntima do Espírito atingirá seu objetivo essencial. O indivíduo educado se transforma em servidor da humanidade e instrumento de Deus, contribuindo para que a fraternidade se estabeleça no planeta. (MOURA, 2014, on-line)

Janaína Magalhães

Referências:

A Evangelização infantojuvenil Espírita - Material para Capacitação de Evangelizadores – In: *Passatempo Espírita* - Disponível em: <https://www.passatempoespirita.com.br/a-importancia-da-evangelizacao-infantojuvenil-capacitacao-de-evangelizadores/> - Acesso em 06 de agosto de 2023.

FARIAS, Janaína Conceição M. de. *Diretrizes Apostólicas para o Evangelizador*. Ditado por Espíritos Diversos. 1. ed. Belo Horizonte: Semeador, 2012.

FRANCO, Divaldo - *SOS Família*. Ditado pelo Espírito de Joanna de Ângelis e Diversos Espíritos. 17. ed. Salvador: LEAL, 2002.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, tradução de Guillon Ribeiro. Campos dos Goytacazes/RJ: Editora Letra Espírita. 2022

MAIA, João Nunes- *Filosofia Espírita – Volume VIII*. Ditado pelo Espírito de Miramez. Belo Horizonte: Fonte Viva, 1989.

MOURA, Marta Antunes - Trecho retirado da mensagem psicofônica recebida pelo Espírito de Meimei. FEB, Brasília, 29 de maio de 2014.

O Que é Evangelização? Fundamentos da Evangelização Espírita da Criança e do Jovem. Rio de Janeiro: FEB, 1987 - Disponível em: <https://www.bezerrademenezesnatal.org.br/cursos-evangelizacao/o-que-e-evangelizacao.html> - Acesso em 05 de agosto de 2023.

SILVEIRA, Guaraci de Lima – A crise dos 8 anos - Site O Consolador – Janeiro de 2017 -Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano10/498/ca2.html> Acesso em 05 de agosto de 2023.

Fonte: letraespirita.blog.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Siga a Família GEEDEM.
Clique nos ícones para ser direcionado.



Fora da Caixa

O Que Acontece Por Aí



Museu das Favelas

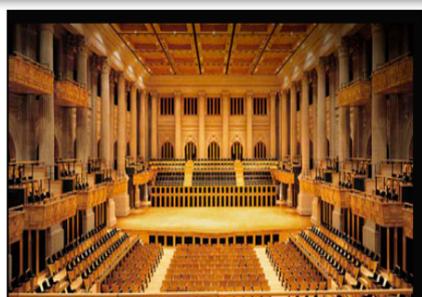
FAVELA-RAIZ é uma ocupação-manifesto, composta de cinco partes - três internas e duas externas - que nos levam aos fundamentos da formação da identidade das pessoas que habitam esses territórios: a ancestralidade, as mulheres, a força do trabalho e os abrigos materiais e afetivos.

Na área externa, uma das instalações sintetiza a história do Palácio Campos Elíseos, enquanto a outra, do artista Paulo Nazareth, rememora a intelectual Maria Beatriz Nascimento. Internamente, esculturas tecidas em crochê, da artista Lidia Lisbôa, elaboradas por mulheres da vizinhança num processo de conexão do trabalho têxtil com o artístico, colorem e aquecem este espaço. Uma instalação audiovisual sensorial propõe o despertar de memórias afetivas a partir de imagens e de toda a pulsação de vida que existe nas favelas. O desfecho do percurso é uma criação sonora exaltando os diferentes modos de se pensar a beleza, agora mais plural e periférica do que os espelhos dos salões a refletiam, em séculos passados.

Local: PALÁCIO DOS CAMPOS ELÍSEOS

Entrada: Rua Guaianases, nº 1024 - Campos Elíseos. São Paulo, SP

<https://www.museudasfavelas.org.br/>



Sala São Paulo

O imponente edifício da Estrada de Ferro Sorocabana abriga hoje a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e uma das mais importantes casas de concertos e eventos do País.

Projetado por Christiano Stockler das Neves em 1925 período em que a cidade, estimulada pelo café e pela ferrovia, crescia em ritmo acelerado o prédio, marcado pela sobriedade dos ornamentos e detalhes do estilo Luís XVI, seria concluído somente em 1938, quando a urbanização de São Paulo já se caracterizava pela presença de automóveis, minimizando a utilização de bondes e trens.

As principais áreas do edifício já vinham sendo locadas para a realização de festas e eventos institucionais quando, em 1997, a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo assume seu controle para transformá-lo no Complexo Cultural Júlio Prestes.

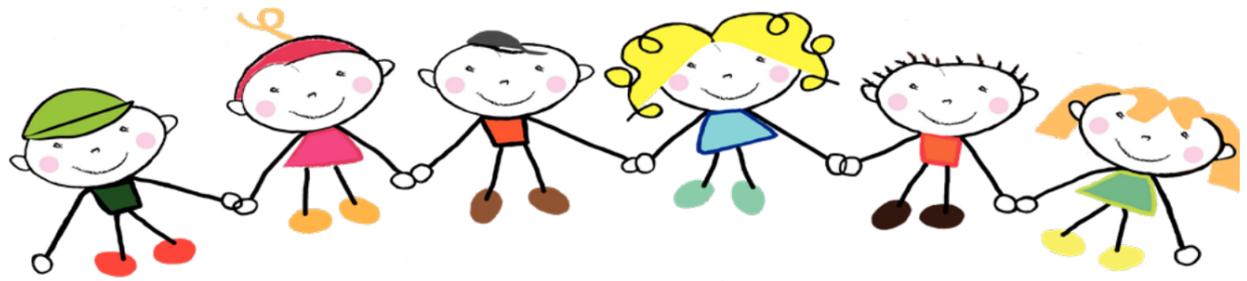
Situada no centro da Cidade, vizinha da Pinacoteca do Estado e do Museu de Arte Sacra, a Sala São Paulo fez realizar o potencial de revitalização da região.

Tombada como patrimônio histórico pelo Condephaat, a Sala São Paulo foi inaugurada em 9 de julho 1999 com a apresentação da sinfonia *A Ressurreição*, de Gustav Mahler, pela Osesp, para ser mantida como importante

Acesse as informações, Como localização, programação no link abaixo:

<http://www.salasaopaulo.art.br/paginadinamica.aspx?pagina=asalasaopaulo>

Para a Criançada!

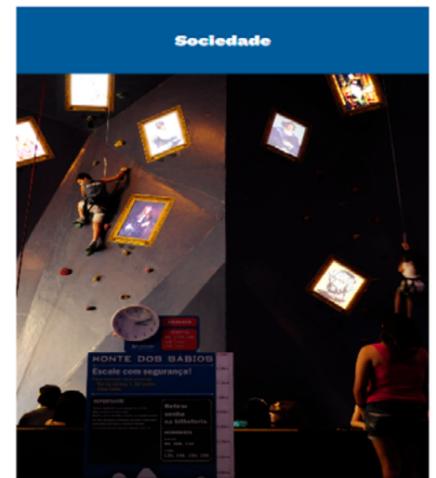


Museu Catavento, museu de ciência e tecnologia da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, foi inaugurado em março de 2009 com a missão de aproximar crianças, jovens e adultos do mundo científico, despertar a curiosidade e transmitir conhecimentos básicos e valores sociais, por meio de exposições interativas e atraentes, com linguagem simples e acessível.

Do átomo ao maior planeta do sistema solar; do menor inseto aos maiores animais da terra; das leis da física às transformações químicas; do ecossistema à questão da proteção ambiental. Tudo apresentado de forma interativa para fazer da visita uma prazerosa viagem ao conhecimento e à cultura.

Possui 219 instalações, em 12 mil metros quadrados de área expositiva, divididas em quatro grandes seções: Universo, Vida, Engenho e Sociedade. Com exposições com ideias simples ou complexas, como: reproduzir o chão da lua com a pisada do astronauta Neil Armstrong, viajar pelo Brasil na época dos dinossauros; compreender como funciona a eletricidade estática que faz os cabelos ficarem em pé ou fazer uma escalada enquanto conhece grandes personalidades da história.

As 4 seções do Museu Catavento



Acesse as informações, Como localização, programação no link abaixo:

<https://museucatavento.org.br/home>



Palavras em Verso e Prosa

Nascida de uma família humilde que tinha nove filhos, Conceição Evaristo cresceu em uma comunidade de Belo Horizonte. Durante a juventude, ela conciliava os estudos com os trabalhos de empregada doméstica; mais tarde, prestou um concurso público e se mudou para o Rio de Janeiro, onde iniciou seu percurso acadêmico.



No princípio da década de 90, Evaristo começou uma carreira literária riquíssima e multifacetada que inclui romances, contos, poemas e ensaios. Em paralelo, a autora também foi trilhando seu caminho como militante do movimento negro, com participações em inúmeros debates e manifestações públicas.

A temática das desigualdades sociais e os fenômenos relacionados com as opressões raciais, de gênero e de classe estão bastante presentes nas suas obras. Dois exemplos disso mesmo são os seus livros mais célebres: o romance Ponciá Vicêncio (2003) e a coletânea de contos Insubmissas lágrimas de mulheres (2011).

Ela é uma das maiores escritoras da atualidade. Escreve livros que misturam suas memórias de mulher negra favelada em ficção, com o estilo batizado como escrevivência. Seus escritos geram identificação com seus pares e tende a levar às reflexões sobre gênero, raça e classe. "A minha escrevivência não é para adormecer a casa grande e, sim, para incomodá-la em seu sono de virgem", disse durante a entrevista. Nos últimos dois anos, Conceição Evaristo vem cumprindo uma agenda lotada de compromissos: palestras, eventos, prêmios e entrevistas. Um reconhecimento que, apesar da sua longa trajetória profissional, só chegou aos 70 anos. A escritora afirma ter consciência que a demora é devido a sua condição de mulher negra.

Da Calma e do Silêncio

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

As Emoções e a Saúde Mental



As emoções e a saúde mental das pessoas estão diretamente interligadas. São três as emoções comumente relacionadas ao que é ser humano: felicidade, tristeza e raiva. No entanto, a pesquisadora e autora de best-sellers Brené Brown lista 87 sentimentos em seu sexto livro, “O Atlas do Coração“. Para ela, que estudou as emoções humanas nas últimas duas décadas, saber identificar e expressar seus sentimentos com mais especificidade pode ajudar a lidar melhor com eles.

Já a pesquisadora e doutoranda da Universidade de Michigan Christina Costa, que estudou psicologia e neurociência, afirma que o sentimento de gratidão pode ser visto em exames cerebrais. Ela explica que a sensação acende os neurotransmissores da dopamina e da serotonina, os “hormônios da felicidade“. Para conversar sobre as emoções e a saúde mental, reprisamos, no Olhar da Cidadania desta quinta-feira, dia 16 de março, o programa com os psicanalistas Mariana Desenzi e Enzo Pizzimenti.

Mariana Desenzi é psicanalista com atuação no SUS (Sistema Único de Saúde), mestranda do programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da USP, docente e supervisora do aprimoramento “Psicanálise e Saúde Mental” da PUC de São Paulo.

Enzo Pizzimenti é psicanalista, doutorando em Psicologia Clínica na USP, e autor do livro “Psicanálise e Saúde Mental: tática, estratégia e política na direção do tratamento” pela editora Benjamijn. O programa também contou com a participação do colunista Christian Dunker, psicanalista e professor titular da USP, que falou sobre o atual ativismo da área da Psicanálise no Brasil em prol dos direitos fundamentais.

O programa foi apresentado pelo jornalista Joel Scala.

Ouçã aqui:

<https://observatorio3setor.org.br/podcast/as-emoco-es-e-a-saude-mental-2/>